



ESCOLA SUPERIOR  
DE EDUCAÇÃO  
DE LISBOA



POLITÉCNICO  
DE LISBOA

Mestrado em Educação Especial  
Especialização em Problemas de Cognição e Multideficiência

**PROJETO DE ADAPTAÇÃO DO MUSEU**  
**AO USO DE CRIANÇAS**  
**COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS**

**Marisa Alexandra Gomes Ferreira**

Lisboa

2019



Mestrado em Educação Especial  
Especialização em Problemas de Cognição e Multideficiência

**PROJETO DE ADAPTAÇÃO DO MUSEU**  
**AO USO DE CRIANÇAS**  
**COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada na Escola Superior de Educação  
do Instituto Politécnico de Lisboa

**Elaborada por:**

Marisa Alexandra Gomes Ferreira

**Orientada por:**

Professora Doutora Marina Fuertes

Lisboa, 2019

*“Ao processo que permite estimular o desenvolvimento de uma criança ou jovem de maneira a que ele se torne tão independente quanto possível, quando adulto, chama-se educação.”*

(Vieira & Pereira, 2010:191)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço este trabalho a todas as pessoas que me ajudaram e incentivaram para que fosse possível a concretização desta dissertação de Mestrado, principalmente aos meus pais, à minha irmã Diana, ao Marco ao Rodrigo, ao Diogo e ao Leandro, pelo apoio e pela compreensão da minha indisponibilidade, ausência e péssimo humor.

Quero também agradecer a toda a gente com quem falhei e aos programas que deixei ou deixámos de fazer enquanto família por causa deste projeto.

Um agradecimento à Carlota, à Catarina, à Soraia e ao Henrique pela colaboração e por fazerem do Museu das Crianças um sítio ainda mais especial.

## RESUMO

Na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), a inclusão da pessoa com Necessidades Educativas Especiais (NEE) surge como um direito de proteção, um reconhecimento de dignidade individual e liberdade fundamental. A consagração deste direito implica a inclusão do cidadão em todos os espaços sociais, culturais e educativos da atividade humana, como é o caso, por exemplo, de um Museu. Nesta dissertação no formato de projeto, abordamos o Museu das Crianças. O Museu foi fundado, em 1994, com o propósito de ser um espaço simultaneamente didático e pedagógico.

Quisemos estudar as formas de inclusão do Museu das Crianças e contribuir para essas formas desenvolvendo um projeto de promoção da inclusão. Para o efeito, iniciamos o projeto com o estudo das formas de inclusão a partir de dados de opinião recolhidos em entrevistas semidiretivas e com observações de campo. Com base na entrevista à Diretora do Museu das Crianças e a três monitores que acompanham as visitas das crianças à exposição interativa “Viagem ao Meu Futuro”, aferimos que o Museu das Crianças inclui as crianças visitantes através de recursos quer do espaço físico, dado que todo o espaço do Museu está concebido por forma a permitir a passagem de cadeiras de rodas, quer sejam manuais ou elétricas, bem como nalgumas das atividades disponíveis na exposição. Contudo, não são designadas estratégias específicas de inclusão nas atividades pedagógicas.

No sentido de contribuir para o aprofundamento da dimensão de inclusão social nas atividades do Museu, definimos o *Projeto de Adaptação do Museu ao uso de Crianças com Necessidades Educativas Especiais*. Numa abordagem ampla da inclusão procurámos tornar o Museu num lugar aprazível e acessível para todas as crianças.

Após a fase de observação, procuramos traçar um plano de adaptação das atividades que compõem a exposição “Viagem ao Meu Futuro”, especialmente um auxílio mais individualizado a cada criança e simplificar as atividades. Após implementação destas adaptações das atividades verificamos maior partilha entre pares e o aumento da participação ativa dos participantes, particularmente, das crianças com NEE no decorrer de todo o percurso pela exposição.

**Palavras-chave:** Museu das Crianças, Acessibilidade, Inclusão, Adaptações, Dinamização, Necessidades Educativas Especiais.

## ***ABSTRACT***

In the Universal Declaration of Human Rights (1948), the inclusion of the disabled person or child with special educational needs as a right to the protection, a recognition of individual dignity and fundamental freedom. The consecration of this right implies the inclusion of the citizen in all the social, cultural and educational spaces of human activity, as the case, for example, a Museum. In this dissertation in the project format, we speak about the Children's Museum. The Museum was founded in 1994 with the purpose of being a space didactic and pedagogical at the same time.

We want study the ways of including of the Children's Museum and contribute to these forms by developing a project to promote the inclusion. To this, we started the project with the study of the inclusion forms from the collected opinion in semi-directional interviews and with field observations. Based on the interview with the Directress of the Children's Museum and three monitors who guide the children's visits to the interactive exhibition "Journey to My Future", we see that the Children's Museum includes visiting children with resources of physical space, the whole space of the Museum is designed to allow the passage of wheelchairs, whether manual or electric, as well as in some of the activities available at the exhibition. However, there are no specific strategies for inclusion in pedagogical activities.

In sense of contributing to the deepening of the social inclusion dimension in the activities of the Museum, we defined the *Project of the Adaptation of the Museum to Handicap Children's use*. In a broad approach to inclusion we have sought to make the Museum a pleasant and accessible place for all children.

After the observation phase, we tried to draw up a plan to adapt the activities that make the exhibition "Journey to My Future", especially a more individualized aid to each child and to simplify the activities. After implementing these activities, we observed greater sharing among peers and increase in the active participation of participants, particularly children with handicap during exhibition.

**Keywords:** Children Museum, Accessibility, Inclusion, Adaptations, Dynamization, Special Educational Needs.

## LISTA DE SIGLAS

ICOM – Conselho Internacional de Museus

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

REI – *Regular Education Initiative*

UNESCO – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* –  
Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

# ÍNDICE

Dedicatória

Agradecimentos

Resumo

*Abstract*

Introdução..... 1

PARTE I – Enquadramento Teórico ..... 3

    Capítulo I – Necessidades Educativas Especiais ..... 3

        1.1. Inclusão como um direito individual, princípio educativo e valor social..... 3

        1.2. Necessidades Educativas Especiais ..... 5

        1.3. Brincadeira Inclusiva ..... 8

        1.4. Estratégias a adotar para Incluir a Criança com Necessidades Educativas Especiais ..... 10

    Capítulo II – Participação na Vida Social Ativa ..... 14

        2.1. A Importância da Participação na Vida Social Ativa ..... 14

    Capítulo III – Museus e Educação ..... 16

        3.1. Museus e Educação ..... 16

        3.2. Os Museus como Resposta Social e Educativa a Pessoas com Necessidades Educativas Especiais ..... 20

PARTE II – Enquadramento do Projeto.....	23
Questão de Partida .....	23
Contexto de Estudo e Participantes .....	24
Análise de Contexto .....	24
O Meio .....	24
O Museu .....	25
As Crianças .....	30
Modelo de Investigação .....	31
Técnicas de Recolha de Dados .....	33
Entrevista .....	33
Resultados das Entrevistas .....	35
Análise Sumária das Entrevistas .....	35
Análise de Conteúdo das Entrevistas .....	37
Pesquisa Documental .....	39
Observação .....	40
Princípios e Pressupostos Éticos .....	41
PARTE III – Projeto de Intervenção .....	43
Definição da Problemática .....	43
Planificação da Intervenção .....	45
Plano de Atividades .....	47
Principais Resultados e Reflexão sobre o Projeto .....	50

Considerações Finais .....	54
Referências Bibliográficas .....	56
Anexos .....	61
Anexo A – Guiões de Entrevista .....	61
Anexo B – Transcrição das Entrevistas .....	67
Anexo C – Notas de Campo .....	79
Anexo D – Análise de Conteúdo das Notas de Campo .....	92
Anexo E – Guião da Exposição Interativa “Viagem ao Meu Futuro” .....	97
Anexo F – Consentimento Informado dos Participantes .....	104
Anexo G – Indicadores de Avaliação .....	106

## INTRODUÇÃO

Os Museus, tal como a sociedade, estão em constante mudança, sendo desejável que acompanhem a evolução dos novos desafios que se colocam diariamente. Segundo a literatura, os Museus passaram a reconhecer que, além das funções de preservar, conservar, expor e pesquisar são instituições ao serviço da sociedade e procuram através das ações educativas tornarem-se elementos vivos dentro da dinâmica cultural das cidades (Sandell, 2002; Souza, 2002).

Este projeto foi desenvolvido no Museu das Crianças em Lisboa, onde exerço as minhas funções laborais. Este Museu tem como missão ser um espaço didático e pedagógico, onde todas as crianças aprendam de forma lúdica. Os temas a explorar são sempre selecionados tendo em consideração os planos escolares e a curiosidade das próprias crianças. As finalidades deste espaço são permitir às crianças: tocar; ouvir; explorar; brincar, fazendo desta uma experiência inesquecível.

O presente projeto resulta do interesse de incluir crianças com NEE na vida social e tornar o Museu num lugar cada vez mais adequado para todas as crianças. Frequentemente, o Museu recebe a visita escolas e de crianças com NEE. Para satisfazer as necessidades dessas crianças pretende-se que a presente dissertação se centre num projeto de investigação-ação, no qual será desenvolvida uma dinamização específica para crianças com NEE em cada uma das sete salas da exposição “Viagem ao Meu Futuro”.

Este projeto está organizado em três partes: a primeira refere-se aos fundamentos conceptuais e teóricos e é composta por três capítulos. Nesta primeira parte e através de uma revisão da literatura, pretende obter-se uma explicação teórica referente à inclusão, às NEE, no geral, e à participação das pessoas com estas dificuldades numa vida social ativa.

A segunda parte diz respeito ao enquadramento da investigação e é constituída por um capítulo, no qual se pretende dar respostas às questões da investigação. Neste capítulo é abordada a problemática e sua contextualização; o modelo de investigação; as questões e objetivos da investigação; as técnicas de recolha de dados; o contexto de estudo e participantes e, também, a opinião dos inquiridos.

Com a terceira parte pretende esboçar-se uma explicação das atividades realizadas em cada uma das salas e os principais resultados obtidos após a implementação do projeto de investigação.

Por fim, as considerações finais, com as quais, sem perder de vista a natureza do estudo, se pretende constatar a dimensão de inclusão social nas atividades desenvolvidas no Museu da Crianças, de Lisboa antes e após a implementação do projeto.

## PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### CAPÍTULO I – NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

#### 1.1. Inclusão como um direito individual, princípio educativo e valor social

Ao longo dos tempos o conceito e noção da palavra *inclusão* evoluiu, bem como o conceito de pessoa com NEE. A atitude da sociedade perante estas pessoas também se tem vindo a transformar. Na antiguidade clássica as pessoas que tinham alguma *deficiência* eram consideradas demónios ou possuidoras de maus espíritos. Na Idade Média eram apedrejadas em praça pública. Foram privadas de direitos cívicos (Vieira & Pereira, 2010).

No ano de 1986, Madeleine Will, Secretária de Estado para a Educação Especial do Departamento de Educação dos Estados Unidos da América começou a defender a necessidade de mudança no que dizia respeito à resposta dada às crianças que apresentavam NEE. Essas mudanças passavam pela implementação de estratégias que visassem minimizar o insucesso escolar. Desta forma, teve origem um movimento designado por “*Regular Education Initiative*” (Iniciativa da Educação Regular).

Mais tarde, em 1994, e com o objetivo de criar uma Escola para Todos, reuniram-se mais de trezentos participantes que representaram noventa e dois governos e vinte e cinco organizações internacionais. Reuniram-se numa conferência, organizada pelo governo espanhol em parceria com a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*, doravante designada de UNESCO, em Salamanca. Assinaram, assim, a declaração que atesta o direito à Educação para Todos. O que se pretendia com essa declaração era, essencialmente, efetuar mudanças no sistema educativo, com vista a capacitar as escolas para aceitar todas as crianças, independentemente das suas necessidades (Correia, 1997, citando Mayor, 1994, p. 45). Surgiu, assim, o conceito de escola inclusiva e de inclusão, que defende “(...) a prestação de serviços educacionais apropriados para toda a criança com NEE, incluindo as significativas na classe regular.” (Correia, 2008, p. 46). De acordo com Correia (2008) “o movimento inclusivo tende a prescrever a classe regular de uma escola regular como o local ideal para as aprendizagens do aluno com NEE”.

Várias são as definições do conceito de inclusão, de entre muitas, salienta-se a definição dada pelo Centro de Estudos em Educação Inclusiva (s.d.) citado por Rodrigues (2003, p. 35), que define inclusão como: “crianças – com ou sem deficiências ou dificuldades – aprendendo juntas no sistema regular de ensino, inclusive pré-escola, escolas regulares e universidade, com uma rede de apoio apropriada para responder às suas necessidades”.

Concomitantemente, a definição de inclusão de Schwartz (2003, p. 12) é significativa quando nos reportamos ao termo

*Inclusão é a participação ativa de crianças com e sem NEE na mesma sala de aula (...) e na comunidade. Nestes ambientes, deverão ser prestados todos os serviços que as crianças precisem para alcançar os objetivos individuais estabelecidos para elas pelas suas famílias e por uma equipa de profissionais (...).*

Numa perspetiva inclusiva, as necessidades da criança são vistas como um todo. Considera-se o desenvolvimento, bem-estar e autonomia, não exclusivamente na vertente académica, mas também a nível social, emocional e pessoal, de forma a desenvolver ao máximo o potencial da criança. Neste sentido, é desejável uma grande articulação entre a escola, a família, a comunidade e o Estado (Correia, 2008).

Assim, e como já foi suprarreferido, podemos perceber que “inclusão” é um termo em constante mudança bem como a sociedade na qual as crianças com NEE estão, ou deveriam estar, incluídas. Importa referir que é necessário “(...) assegurar que educação e as escolas são acessíveis para TODOS, e que é possível sustentar a participação de todas as crianças nas atividades escolares e na vida da escola.” (Rodrigues, 2003).

Nesta senda, é pertinente referir que o conceito de inclusão tem a si associadas três dimensões – acesso, participação e sucesso. Só atingindo estas três metas podemos considerar que o princípio da inclusão foi atingido.

## 1.2. Necessidades Educativas Especiais

O conceito de necessidade educativa especial começou a ser difundido em 1981 a partir da sua adoção no Relatório Warnock, apresentado ao parlamento do Reino Unido, pela Secretaria de Estado para a Educação e Ciência, Secretaria do Estado para a Escócia e a Secretaria do Estado para o País de Gales. Este relatório foi o resultado do 1º comité britânico, presidido por Mary Warnock, e que foi constituído para reavaliar o atendimento às pessoas com deficiência. Os resultados do Relatório Warnock demonstraram que vinte por cento das crianças apresenta NEE em algum período da sua vida escolar. A partir destes dados, o relatório propõe a lei *Education Act*. O conceito NEE só foi adotado por Portugal em 1994 após a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), passando a abranger todas as crianças e jovens cujas necessidades envolvam deficiências ou dificuldades de aprendizagem. Inclui tanto crianças em desvantagem como as sobredotadas, bem como crianças de rua ou em situação de risco, as que trabalham, as de populações remotas ou nómadas, crianças pertencentes a minorias étnicas ou culturais e crianças desfavorecidas ou marginais, bem como as que apresentam problemas de conduta ou de ordem emocional. Sendo, de fato, abrangente é, tal como afirma Correia (2008), um

*(...) termo hoje generalizado a quase todos os países desenvolvidos que tratam destas matérias. É um termo a que (...) a legislação portuguesa (Decreto-Lei 319/91, de 23 de agosto) também dá grande ênfase. (...) Surge da evolução nos conceitos que até então se usavam, quer eles fossem de cariz social, quer educacional. O termo NEE vem, assim, responder ao princípio da progressiva democratização das sociedades, refletindo o postulado na filosofia da integração e proporcionando uma igualdade de direitos, nomeadamente no que diz respeito à não discriminação por razões de raça, religião, opinião, características intelectuais ou físicas, a toda a criança e adolescente em idade escolar.*

Davidson (1999), citado no ponto 14 do parecer nº1/99 do Conselho Nacional de Educação defende que

um aluno tem Necessidades Educativas Especiais se tem dificuldades que exigem adaptação das condições em que se processa o ensino/

aprendizagem, isto é, uma dificuldade significativamente maior em aprender do que a maioria dos alunos da mesma idade, ou uma incapacidade ou incapacidades que o impedem de fazer uso das mesmas oportunidades que são dadas, nas escolas, a alunos da mesma idade.

Posto isto, é de realçar a extrema importância de utilizar a escola enquanto ferramenta, enquanto mediadora no processo de inclusão, de integração de uma criança numa vida social ativa e feliz.

Durante muitos anos os docentes de Educação Especial tentaram dar resposta aos alunos com NEE retirando-os da sala de aula e ministrando-lhes um ensino individual que, tecnicamente, consideravam como sendo o mais adequado. Em muitos casos ainda se conseguiu estabelecer uma certa cooperação entre o docente da Educação Especial e o docente das turmas "regulares" e os alunos foram integrados total ou parcialmente, mas quase sempre sendo retirados nas horas do "apoio". Os recursos disponíveis foram distribuídos de uma forma desigual e os alunos nunca chegaram a alcançar a verdadeira sensação de "pertença" a um grupo/turma. Como resultado, muitos docentes e pais começaram a desejar um modo mais inclusivo de educar todas as crianças. *“A inclusão é uma atitude, uma convicção. Não é uma ação ou um conjunto de ações. É um modo de vida, um modo de viver juntos fundado na convicção que cada indivíduo é estimado e pertence a um grupo”* (Mil; Vila, 1995, p.27).

York, Kronberg e Doyle, (1992) referem que a inclusão implica que as crianças e jovens frequentem as mesmas escolas que os seus irmãos, vizinhos ou resto da população em geral, com colegas da mesma faixa etária, com objetivos de aprendizagem pertinentes e individualizados e com os apoios necessários para os ajudar a aprender. Para tal é de extrema importância que haja uma partilha entre Escola, Família e Comunidade que são fundamentais para o desenrolar deste processo.

York, Kronberg e Doyle, (1992) referem que a inclusão implica que as crianças e jovens frequentem as mesmas escolas que os seus irmãos, vizinhos ou resto da população em geral, com colegas da mesma faixa etária, com objetivos de aprendizagem pertinentes e individualizados e com os apoios necessários para os ajudar a aprender. Para tal é de extrema importância que haja uma partilha entre Escola, Família e Comunidade que são fundamentais para o desenrolar deste processo.

Brennan (1988), citado por Correia (2008, p.12) defende que

há uma necessidade educativa especial quando um problema (físico, sensorial, intelectual, emocional, social ou qualquer combinação destas problemáticas) afeta a aprendizagem ao ponto de serem necessários acessos especiais ao currículo, ao currículo especial ou modificado, ou a condições de aprendizagem especialmente adaptadas para que o aluno possa receber uma educação apropriada. Tal necessidade educativa pode classificar-se de ligeira a severa e pode ser permanente ou manifestar-se durante uma fase de desenvolvimento do aluno.

Para reforçar esta ideia, Wedel (citado por Bairrão, p. 8), em 2001, afirmou que “O termo NEE refere-se ao desfasamento entre o nível de comportamento ou realização da criança e o que dela se espera em função da sua idade cronológica”.

Atualmente, em Portugal, está em vigor o decreto-lei nº. 54/2018 de 6 de julho que

estabelece como uma das prioridades da ação governativa a aposta onde todos e cada um dos alunos, independentemente da sua situação pessoal e social, encontram respostas que lhes possibilitam a aquisição de um nível de educação e formação facilitadoras da sua plena inclusão social.

Com isto quer dizer-se que em Portugal, a inclusão de crianças com NEE no ensino é considerada também facilitadora da inclusão das mesmas no grupo de pares e, conseqüentemente, na sociedade.

### **1.3. Brincadeira Inclusiva**

Como afirma Magalhães (2015), a criança tem direito a brincar. Com efeito, e segundo o mesmo autor,

brincar é coisa séria. Através dos brinquedos e das brincadeiras as crianças desenvolvem as suas competências e aprendem sobre sua relação com si mesmas e com o outro. No caso das crianças com NEE aqui julgo que podem usar só a sigla como tens vindo a fazer, o brincar também é utilizado como instrumento para que elas superem suas dificuldades. Por mais que possam apresentar dificuldades maiores para realizar certas atividades diárias, crianças com incapacidades devem ser estimuladas a encontrar sua autonomia.

A brincadeira pode funcionar como facilitador desta inclusão dado que, conforme consta no artigo 27º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), todas as crianças têm direito a brincar.

Os brinquedos e as brincadeiras devem ser universais e inclusivos (Magalhães, 2015). Não existe uma forma correta para que a brincadeira seja inclusiva, para que se enquadre em todas as situações. No entanto, existem algumas normas básicas para garantir a diversão de todos, como é o caso de: respeitar o tempo de cada um; respeitar o que cada um sabe; combinar com os participantes a melhor forma de tornar a brincadeira inclusiva; tentar proporcionar a mesma oportunidade de experiência para todos os participantes (Rossetini, 2015).

Um bom exemplo disso é a exposição “Viagem ao Meu Futuro”, patente no Museu das Crianças de Lisboa promove a brincadeira. Além de um excelente possibilitador de novas aprendizagens a nível teórico, nomeadamente abordando a temática primordial – as profissões –, permite também que as crianças explorem e que brinquem com os recursos disponíveis. Esta brincadeira poderá funcionar como facilitador da inclusão dado que é uma forma das crianças com NEE se sentirem como parte integrante do seu grupo de pares.

Quando se lida com pessoas com dificuldades, crianças ou adultas, o desafio é enorme. Isso ocorre por motivos como: o receio de não saberem como agir, o

desconhecimento de como tornar as atividades acessíveis, ou ainda pela pouca motivação para procurar soluções benéficas para todos. O processo inclusivo começa desde sempre, no convívio diário, nas rotinas do cotidiano e nas brincadeiras. Os ambientes acessíveis, por exemplo, tornam a brincadeira mais abrangente, pois, ao garantirem acesso, participação e entendimento, através da acessibilidade, as brincadeiras passam a ser de todos e para todos. A organização das atividades deve ser feita com o objetivo de possibilitar esse acesso a todas as pessoas, respeitando as necessidades de cada uma, em vez de apenas questionar se será possível às pessoas com alguma limitação física, sensorial ou cognitiva, participar. Com uma simples mudança de atitude, ou até mesmo uma simples adaptação, sem segregação, é possível garantir diversão para todas as pessoas tenham ou não dificuldades. Ter como parte integrante da nossa conduta pessoal valores de acessibilidade, inclusão e respeito à diversidade e estabelecer premissas como equidade e autodeterminação torna natural o desenvolvimento de propostas inclusivas.

Nesta senda, e como já foi supracitado, o objetivo do presente estudo é conseguir a inclusão das crianças com NEE na exploração das atividades inerentes à exposição “Viagem ao Meu Futuro”, no Museu das Crianças.

#### **1.4. Estratégias a adotar para Incluir a Criança com Necessidades Educativas Especiais**

Incluir uma criança com NEE pode ser uma tarefa bastante árdua, mas também muito gratificante ao ver a criança no seio dos seus pares.

Tradicionalmente, a educação especial circunscrevia-se em escolas especiais separadas do sistema de ensino tradicional e justificada pela visão determinista da deficiência. Na verdade, se por um lado os efeitos das deficiências físicas e sensoriais eram atribuídos ao próprio indivíduo ("uma vez deficiente, deficiente para sempre") e as dificuldades sentidas por este tipo de alunos na escola, qualquer criança ou jovem com marcadas dificuldades físicas, sensoriais, mentais, comportamentais ou de comunicação, era claramente considerado como qualitativamente diferente do resto dos alunos, com características consideradas inalteráveis e permanentes e, como tal, fazia sentido a existência de um sistema educacional separado do ensino tradicional.

Nos anos 60 e 70, surgiu um movimento de retirada das pessoas com deficiência, das instituições em que estavam "internadas" para comunidades mais pequenas como residências ou casas de família, a que se chamou o movimento de desinstitucionalização. A teoria REI – *Regular Education Initiative* sugere-nos que as opiniões dos professores e técnicos em educação especial referem que a educação de crianças e jovens com NEE variam entre a ideia da inclusão total (posição que defende que todos os alunos devem ser educados apenas nas escolas que promovem o ensino) até à ideia de que a diversidade das características dos alunos com NEE implica a manutenção de um contínuo de serviços.

Na década de 70, um pouco por todo o mundo ocidental, o movimento do alargamento da escolaridade obrigatória a todas as crianças faz um sentido adaptado às suas necessidades individuais. Só a partir de meados da década de 80 surge uma filosofia de "integração" educativa como opção base na maioria dos países, defendendo que o ensino das crianças com dificuldades educativas especiais deve ser feito no âmbito da escola regular. A igualdade da oportunidade em educação é, na verdade, a importância da educação na transmissão de atitudes, conhecimento e competências que a sociedade como um todo encara como importantes para todas as crianças. São várias as ideologias que permitem integrar de forma justa e saudável para a criança, para os pais, para os colegas e para a escola. O chamado princípio da normalização a integração das crianças com dificuldades na escola

regular, ou na sociedade. No entanto, este termo tem vindo a sofrer modificações no sentido de reforçar a importância do papel social da pessoa, tendo um sentido de valorização.

Na generalidade das escolas regulares, a maioria das crianças e jovens com sérias dificuldades educacionais ainda continua a receber uma educação segregada da restante sociedade. Mas, a "escola regular pode tornar-se numa escola também especial", não só entendendo a ideia da escolaridade obrigatória e básica para todas as crianças e jovens, mas também procurando atender a necessidades individuais de todos os alunos quaisquer que sejam as suas dificuldades (O'Callahan,1999). Ainda defendendo a mesma ideia, O'Callahan (1999), reforça que "As escolas especiais não têm o direito de existir". Se elas existem é por causa das limitações das escolas regulares em atenderem o complexo leque de capacidades e incapacidades entre alunos. Mesmo uma "escola especial bem organizada não tem o direito de existir se uma escola regular garanta a mesma qualidade de educação" (O'Callahan,1999). Na verdade, a maioria dos alunos com NEE não necessita de integração, mas sim que se evite a sua segregação, que pode ser feita através de medidas de discriminação positiva (a aceitação de que a igualdade de oportunidades em educação implica que alguns alunos devem receber mais do que outros, seja qual for o nível de recursos que a escola possua).

Neste sentido, em 2007, Oliveira (p. 82) afirmava que "A integração de alunos com necessidades especiais no ensino regular, num contexto mais amplo, a integração na sociedade de toda a espécie de grupos segregados tem sido debatida nas últimas décadas por todo o mundo ocidental". Também na última década, no sistema educativo português, se tem assistido a um desenvolvimento notável no movimento de crianças com necessidades especiais no contexto educativo regular. Toda esta tendência é baseada num sentimento de "normalidade" existente na sociedade em geral, ou seja, de acordo com esta ideia, as crianças desenvolvem melhor as suas capacidades quando inseridas num grupo com as mesmas capacidades, mas não é fácil explicar se se tiver em consideração que uma criança cega, surda ou com paralisia cerebral será provavelmente muito diferente das outras crianças, em muitos aspetos. As crianças e os jovens com NEE não podem simplesmente ser colocados numa sala regular e esperar que a "normalidade" volte automaticamente. É necessário estruturar e desenvolver estratégias adequadas para que uma criança "especial" possa ser incluída numa situação em que todos a sintam "mais normal" como por exemplo a planificação e desenvolvimento de adequações no ambiente físico e no ambiente social; a escolha de materiais e equipamentos da sala de aula; a manipulação do espaço disponível

para os alunos; a revisão do papel do professor como iniciador das interações sociais ou como meio; os gestos dessas interações e, também, a maior ou menor estruturação das atividades próprias na sala de aula.

De forma a facilitar a inclusão educativa, a OCDE (1994) publicou um conjunto de resoluções: a) Colocação em classe regular com modalidades particulares de apoio (tais como atividades de apoio, organização do trabalho, consolidação das aprendizagens, etc. asseguradas pelo professor da classe, com um ratio professor/aluno pequeno); b) Colocação em classe normal com apoio ao aluno em certas matérias ao programa (professor de apoio, apoio acrescido, etc.); c) Colocação em classe regular da qual o aluno é retirado durante certas sessões para receber, num local particular, a ajuda de um ou vários especialistas; d) Colocação em classe regular, sendo frequentada a tempo parcial em alternância com atividades em classe especial; e) Colocação em classe especial, frequentada a tempo parcial, em alternância com atividades em classe regular; e f) Frequência exclusiva de uma classe ou unidade especial.

Assim, e tal como referiu Correia em 2008 (p.25), todas os alunos são beneficiados com a integração de “crianças especiais”:

Os benefícios da integração de uma criança NEE no ensino, são inúmeros, são evidentes (apesar das dificuldades) e todos os intervenientes nesta intervenção ganham com ela. São benefícios para os alunos com maiores dificuldades: modelos adequados nos colegas; assistência por parte dos colegas; a criança cresce e aprende a viver em ambientes integrados. São benefícios para os alunos com menores dificuldades: a melhor forma de aprenderem a sensibilidade para as diferenças individuais; oportunidade para participar e partilhar as aprendizagens; a diminuição da ansiedade face aos fracassos ou insucessos. São benefícios para todos os alunos: a compreensão e aceitação dos outros; o reconhecimento das necessidades e competências dos colegas; o respeito por todas as pessoas; a construção de uma sociedade solidária; o desenvolvimento de apoio e assistência mútua; o desenvolvimento de amizades.

No Museu em estudo, a preocupação de incluir e fazer com que a criança se sinta incluída no grupo é grande, dado que as oportunidades dadas às crianças com NEE são

exatamente as mesmas que são dadas às crianças que não têm qualquer problemática. São elementos facilitadores da participação das crianças nas atividades propostas a acessibilidade física e digital a todos os recursos disponíveis. Isto é, sendo as atividades disponíveis na exposição interativa acessíveis a nível físico e digital para qualquer criança a participação e usufruto destas será maior e mais prazeroso.

No decorrer do presente projeto as estratégias a adotar para incluir a criança com NEE são, com o total apoio e disponibilidade do adulto que a acompanha, explorar livremente todas as atividades, permitindo-lhe total acessibilidade física, quer digital.

## **CAPÍTULO II – PARTICIPAÇÃO NA VIDA SOCIAL ATIVA**

### **2.1. A Importância da Participação na Vida Social Ativa**

A partir do momento em que nasce, desde as primeiras etapas da sua vida, o indivíduo inicia o seu processo de inclusão social à medida que se vai inserindo e interagindo ativamente nos vários sistemas que o envolvem e passa a fazer parte deles. Pode, por isso, dizer-se que a inclusão social decorre ao longo de toda a vida do indivíduo. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (2009) inclusão social é o ato ou efeito de integrar o indivíduo de forma a viver em sociedade e a fazer parte do seu corpo social. Segundo Candeias (2009) a inclusão é um processo que respeita e valoriza a diferença no qual todos têm um papel a desempenhar na sociedade. A inclusão torna, assim, possível a cada indivíduo desenvolver as suas potencialidades e a viver uma vida completa. Por outro lado, a inclusão social é definida por Louro (2001) como a qualidade de vida que a sociedade pode oferecer aos cidadãos, especificamente, aos sujeitos com deficiência, tendo em conta as suas características individuais. Louro (2001) defende também a ideia de que as estratégias para a promoção da qualidade de vida se dividem em três aspetos: o ter casa, emprego, escola, recursos básicos; amar e ser amado, sentindo-se como parte de uma cultura e de uma sociedade, gostando de si próprio e do seu corpo e o sentimento de ser insubstituível e único. Para uma total inclusão social é necessário ter em conta a satisfação de vários aspetos inerentes ao indivíduo, para que este se sinta incluído e satisfeito na sociedade onde vive.

A inclusão social tem-se revelado um grande problema para a nossa sociedade. Se por um lado aclama valores universais de direitos humanos, igualdade de oportunidades e direitos de cidadania, por outro, desenvolve sistemas de proteção social que permitem amparar, proteger e incluir os cidadãos na sociedade. A proteção social das populações mais desfavorecidas está assente nos princípios que fundamentam a Lei de Bases da Segurança Social (2002) que no artigo 13.º, refere que o princípio da inserção social “caracteriza-se pela natureza ativa, preventiva e personalizada das ações desenvolvidas no âmbito do sistema com vista a eliminar as causas de marginalização e exclusão social e a promover a dignificação humana”.

Segundo Nogueira e Andrade (2007) a inclusão social é um grande desafio da sociedade em geral, na esperança de um novo rumo que valorize uma sociedade mais justa e

mais solidária, que garanta os direitos de todos os que dela fazem parte e onde todos possam viver e conviver independentemente das características pessoais de cada um.

O sistema educativo tem um papel primordial na educação da sociedade e na promoção da inclusão social e entrelaça-se, forçosamente, com a inclusão escolar. De acordo com Silveira & Neves (2006) *cit* Páez (2001) a inclusão escolar tem inúmeros benefícios para o desenvolvimento dos cidadãos portadores de deficiência, desde que ao integrar o ensino sejam tidas em consideração as suas características e a melhor forma de incluir as crianças na escola e na sua posterior transição pós escola. Como expõe Nogueira & Andrade (2007) para que o caminho da inclusão escolar não seja em vão e esta continue numa sociedade efetivamente inclusiva, a educação tem um papel preponderante, salientando que uma das formas para que o processo de inclusão social de alunos com deficiências no mercado de trabalho aconteça, é por meio da educação. Daqui, ressalva-se a importância das escolas, uma vez que ensinam, e “(trans)formam” crianças, para que no futuro sejam adultos capazes de aceitar a diferença, com igualdade de direitos e merecedores de respeito. As escolas são, por isso, um local privilegiado e fulcral para a eliminação de algumas barreiras que dificultam a inclusão social, quer no que diz respeito à inclusão de crianças com NEE, quer transmitindo às crianças e adultos valores de respeito e de cidadania. A criança com NEE precisa de se sentir e de estar realmente integrada na sociedade e na vida em comunidade.

Uma vida social ativa é uma necessidade básica de qualquer indivíduo, dado que é um processo que ocorre desde o nascimento até ao final da vida. Visitar espaços públicos e estar com outras pessoas faz parte deste processo. Ao visitar um museu, quer seja em contexto familiar, quer seja em contexto escolar também é uma forma de vida social ativa. Nesta senda, e como já foi referido anteriormente, com o presente projeto pretende-se que a criança com NEE visite o Museu das Crianças e que consiga usufruir de todas as atividades que lá existem.

## CAPÍTULO III – MUSEUS E EDUCAÇÃO

### 3.1. Museus e Educação

Segundo o artigo 24º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) participar em atividades culturais é uma necessidade e um direito do ser humano. Visitar um museu e aproveitar o que ele tem para oferecer é um desses direitos. Nos dias que correm, os museus pretendem chegar a um crescente número de pessoas, procuram novos públicos e procuram realizar a diferença na vida das pessoas. O progresso dos últimos anos tornou possível conhecer as características de diferentes públicos, o que pode facilitar a aprendizagem e o conhecimento de uma variedade de competências cognitivas.

Os museus são espaços privilegiados de educação não formal e têm, conseqüentemente, um papel importante na formação de todos, a nível cultural. O museu é um agente de gestão de informação, que deve incentivar um diálogo franco com a sua comunidade, conhecendo a sua opinião e interagindo, visando um processo de construção comum de cultura. Isto é, o museu deve mudar atendendo às necessidades demonstradas pelo seu público (Beites, 2011). É desejável que as atividades desenvolvidas no museu sejam adaptáveis a qualquer pessoa independentemente das suas limitações

O museu, tal como a sociedade, está em constante mudança e tem obrigatoriamente de acompanhar a evolução dos novos desafios que se colocam diariamente. Beites (2011) sublinha que as políticas dos museus são orientadas para o público, mas o discurso museológico permanece centrado no objeto e não no indivíduo, porque não prevê a interação com ele. Este discurso é, na forma e nos conteúdos, pensado por uma equipa multidisciplinar, mas raramente inclui, no processo de planeamento, o futuro “visitante” (estratégia colaborativa); o museu é visto como um local de transmissão de conhecimentos e parte-se do seu postulado científico, para garantir que os seus conteúdos sejam “verdade” (Beites, 2011). É desejado um museu reflexivo, aquele que se auto examina como forma de se construir e de ser capaz de satisfazer o tão aspirado compromisso de construção cultural com a comunidade. Marilyn Hood (1983) na obra *Staying Away: why people choose not to visit museums*, sobre estudos de públicos, salienta um conjunto de critérios fundamentais que o museu deve oferecer para que constitua uma atração de diferentes públicos como a capacidade de interação social,

fazer algo de útil, o sentimento de agradabilidade, corresponder a desafios e sentir novas experiências, a oportunidade para aprender coisas novas, ter uma atitude ativa.

Assim, os museus passaram também a reconhecer que, além das funções de preservar, conservar, expor e pesquisar são instituições ao serviço da sociedade e procuram através das ações educativas tornarem-se elementos vivos dentro da dinâmica cultural da sociedade em que estão inseridos (Sandell & Souza, 2002).

Em Portugal ainda não se dá aos museus a importância que eles merecem. Por exemplo, em Espanha existe o Programa de *Aproximación À Arte Contemporânea* do Centro Galego de Arte Contemporânea que dá ênfase aos benefícios que as crianças têm quando visitam centros de arte (museus, exposições, galerias de arte). Trata-se de permitir às crianças falar acerca do que veem, com alguém que proporciona a informação e que sirva apenas de moderador da discussão. São as crianças que geram as suas interpretações, que discutem formando assim a sua opinião, fundada no que veem e não no que se lhes conta, assim, ao mesmo tempo que aprendem respeitam o ponto de vista das outras pessoas. Os alunos expressam-se com total liberdade, vão apreendendo uma linguagem própria e aprendem a valorizar outras visões e opiniões (Oliveira, 2012).

O público escolar é o que mais visita museus e aqueles que mobiliza a maior parte dos recursos educativos destas instituições e embora seja crucial reforçar que não se pode reduzir a função educativa dos museus ao trabalho realizado com grupos escolares e crianças, é importante reconhecer a importância e o peso destes segmentos de público na programação destas instituições. As visitas a museus são momentos privilegiados de aprendizagem, que proporcionam uma combinação entre lazer e educação (Mintz, 1994) que se interliga com as experiências e vivências dos indivíduos, perdurando na memória.

A realização de uma visita de estudo a um museu há muito que se institucionalizou como parte fundamental de qualquer plano anual de atividades escolares. É considerada uma visita rica, pois tem uma dupla componente de aprendizagem e lazer, integrada no plano extracurricular das escolas e inclui, frequentemente, uma perspetiva multidisciplinar a nível de conhecimentos e objetivos. Uma ida ao museu é considerada como um momento privilegiado de aprendizagem fora do âmbito educativo do regime de sala de aula. No entanto, as aprendizagens que resultam de uma visita (escolar ou não) e a forma como estas se processam assentam em formas de comunicação e sociabilização com uma importante

dimensão sensorial, afetiva e vivencial (Beites,2011). A sua mais valia consiste em explorar aquilo que é específico do museu enquanto espaço de educação não formal, potenciando as aprendizagens enquanto processos amplos, globais e vivenciais. Falk & Dierking (2000) defendem que os museus em geral, e as exposições em particular, têm o potencial de ampliar, expandir e reestruturar os esquemas conceptuais e mentais dos visitantes. Todos os indivíduos chegam, à partida, ao museu com uma série de interesses e motivações prévias, baseadas na sua experiência de vida, na sua idade, nos seus conhecimentos, na sua posição social, económica e cultural que, no seu conjunto, irão estruturar e enquadrar as suas experiências dentro do museu e, naturalmente, as suas aprendizagens.

Idealmente, o igual acesso à educação artística de alta qualidade devia ser facultado a crianças com NEE, dado que se trata de uma oportunidade de se envolverem numa aprendizagem de arte com significado em todas as esferas de esforço criativo, tal como defende Bahia (2009). É importante verificar que o potencial artístico das crianças com NEE é tão completo como o das outras crianças. Consequentemente, a educação artística deve ser tratada com o mesmo rigor e ambição para todas as crianças.

Cuidadosamente planeadas e estruturadas, as sessões interativas de educação estão entre as formas mais poderosas e eficazes de atender às necessidades específicas do público e de criar caminhos para a inclusão. As atividades interativas são fundamentais para permitir aos visitantes um olhar interrogador, sem pressupostos de conhecimento prévio. As conversas são estimuladas ao redor das exposições. O museu também atua como um espelho, onde as pessoas se podem ver, fazendo conexões entre as suas próprias vidas e as experiências.

Para este trabalho de inclusão social ser eficaz, o museu tem de, necessariamente, ter como ponto de partida um foco nas necessidades daqueles que são excluídos. Hein & Alexander (1998), defendem, com base no modelo construtivista de aprendizagem de Jean Piaget, que este pressuposto de que a aprendizagem é vista como a construção de um sentido, de um significado baseado na experiência de cada um. Os significados que construímos dependem, assim, das nossas experiências passadas e também das informações que são apreendidas do meio onde nos inserimos. Aprender é uma prática ativa, social e contextual, e a motivação é essencial para a aprendizagem.

Os museus são a forma perfeita de apoiar o aumento da ênfase nas políticas educacionais, para responder às necessidades individuais das crianças e desenvolver um

currículo que motive e envolva todas as pessoas, incentive a sua curiosidade e o prazer em aprender e que as ajude a ter êxito (Hooper-Greenhill, 2007).

### **3.2. Museus como Resposta Social e Educativa a Pessoas com Necessidades Educativas Especiais**

Atualmente, conseguiu perceber-se que os museus têm como principal função atuar enquanto agentes de mudança social e contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Dentro do setor, há um crescente consenso de que os museus têm a responsabilidade para desempenhar um propósito social, que vai para além da simples função de facilitar o acesso NEE tem sido amplamente analisado como ferramenta concetual para os museus alterarem práticas tradicionais, ao considerar que a incapacidade exige uma resposta política.

Os museus tratam-se de estruturas culturais que devem estar e ser acessíveis a todos, pois têm como função enriquecer, a vários níveis, quem os visita, pelo que se considera extremamente importante que sejam espaços inclusivos, que beneficiem a todos sem exceção.

A definição de museu elaborada pela principal organização internacional representante dos museus e seus profissionais – o ICOM (Conselho Internacional de Museus), tem sido sucessivamente renovada desde a sua criação, em 1946, com vista a acompanhar as alterações e as necessidades da realidade que tem surgido na comunidade mundial dos museus. Atualmente, esta definição foi adotada na “21ª Conferência Geral do ICOM” em 2007: *O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite* (cf. [http://www.icom-portugal.org/documentos\\_def,129,161,lista.aspx](http://www.icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx)). Esta definição coloca, em primeiro lugar, o museu “ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento” e demonstra uma grande transformação no âmbito dos museus caracterizada pelo anseio de direcionar a existência dos museus como instituições relevantes em benefício da sociedade. Esta ideia não é nova. Desde há muito tempo, que os museus têm sido considerados instituições que contribuem para o bem da sociedade, através das suas funções de colecionar, preservar e educar o património material e imaterial da humanidade. Foi-lhes, aliás, atribuído um papel enquanto agentes para a harmonia e mudança social.

Os Museus devem ser uma resposta aos níveis sociais e educativos. Esta ideia é defendida por Silverman (2010), que afirma que “o papel dos museus pode contribuir para o

desenvolvimento de oportunidades que não estão disponíveis noutros aspetos das suas vidas. Como tal, o impacto dos museus ao nível individual pode resultar no aumento da autoestima; na aquisição de novas capacidades; no aumento de oportunidades para explorar o sentido de identidade e de pertença. De igual forma pode ajudar a ultrapassar outras formas de desvantagem. Os resultados podem ser alcançados a nível pessoal e na relação com o outro, no âmbito de programas de atividades, ou, noutros casos, em que o ambiente singular do museu pode desempenhar um papel fulcral”.

Ao nível educativo e comunitário, o mesmo autor defende que as pessoas podem experimentar situações de desvantagem ao nível do baixo poder de decisão em assuntos relacionados com a deficiência/incapacidade. O impacto dos museus, pode refletir-se no aumento da capacidade de construção comunitária; no desenvolvimento da autodeterminação; e na mudança de pensamento sobre determinados assuntos. Os meios que permitem alcançar esses resultados desenvolvem-se a partir da aquisição de competências; fomento de capacidades; aumento da autoconfiança e do empoderamento.

Ao nível social, o autor refere-se às pessoas que se encontram em situação de discriminação e em risco de exclusão. O impacto dos museus pode refletir-se na formação e informação das pessoas ao nível das atitudes; pode encorajar o respeito mútuo entre diferentes comunidades; travar a discriminação e os preconceitos que levam à intolerância; potenciar o sentido de pertença e de afirmação identitária de grupos marginalizados. Os meios que permitem alcançar esses resultados, desenvolvem-se no modo como se efetua a aproximação às coleções, exposições, programação e interpretação das mesmas, que refletem a diversidade total da sociedade.

No âmbito da responsabilidade social dos museus, Sandell (2002) considerou que, para tal, é fundamental que as instituições assumam esse objetivo não a curto prazo, mas a longo termo e que desenvolvam mudanças de pensamento paradigmáticas na conceção da sociedade como um todo (Sandell, 2002). Nesta visão, e citando Eilean Hooper- Grenhill (2000, p.27), “a necessidade dos princípios e das práticas em museus se localizarem no mesmo patamar dos sistemas de valores dominantes e dos modos de pensar da sociedade contemporânea”. De acordo com a autora, esta relação é possível, dado que o conceito de responsabilidade - individual, institucional, profissional e partilhada - é uma das características dominantes do crescimento da sociedade contemporânea cuja atenção abrange diversas áreas profissionais. Neste sentido, defende que os museus que resistam a esta mudança, ou

permaneçam descomprometidos das suas preocupações sociais, correm o risco de se tornarem antiquados e irrelevantes nos seus valores. Reconhece que o conceito de responsabilidade social não deverá representar o objetivo único de todos os museus e até pode gerar relutâncias no pensamento daqueles que consideram os museus espaços neutros e alheios a qualquer influência social e política.

A responsabilidade social dos museus não pode ser excluída do contexto histórico e social da atualidade. As diferentes aproximações à questão das dificuldades/incapacidades ou da exclusão social só poderão ser encontradas no reflexo de como os museus são compreendidos, nos seus papéis, impactos e significados.

Atualmente, existem “programas de acesso” que são um serviço desenvolvido em museus, para os públicos com dificuldades/incapacidades, em permanência e de forma regular. São, por isso, um serviço integral, que abarca as diversas etapas da experiência museal, desde a perspetiva do acesso físico como do acesso à exposição propriamente dita. Incluem ainda, na maioria dos casos, a programação de atividades educativas e a oferta de conteúdos de interesse específico para esse público. A ampla abrangência de públicos com deficiência ou outras incapacidades está (ou deveria estar), igualmente, prevista: públicos com deficiência/incapacidade motora, visual, auditiva, de aprendizagem, ou públicos com problemas de saúde mental.

No âmbito das práticas museais portuguesas que se encontram atualmente em vigência, e que procuram incluir públicos com algum género de incapacidade, algumas medidas têm pautado pela sua singularidade. Não se reconhece nenhum método que caracterize globalmente a forma como os museus têm trabalhado para a inclusão, imperando, na maioria dos casos, o senso comum e a atividade empírica na procura de soluções.

Nesta senda, e como já foi suprarreferido, é desejável que os museus sejam capazes de dar uma resposta social e educativa a pessoas com NEE pois, para além de ser considerado um direito fundamental o acesso a espaços de vida pública, é também uma forma de quem os visita se sentir igual, na norma, sem discriminação. O acesso à cultura é, do mesmo modo, um direito de todas as pessoas e o museu enquanto estrutura cultural trás benefícios a quem o visita.

## PARTE II – ENQUADRAMENTO DO PROJETO

### Questão de partida

Segundo o artigo 27º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), é um direito fundamental a inclusão todas as crianças na sociedade. A inclusão pressupõe que todas as crianças, independentemente das suas problemáticas, possam participar ativamente na vida da sociedade.

O Museu das Crianças de Lisboa situa-se na entrada não paga do Jardim Zoológico de Lisboa, em Sete Rios. É uma associação sem fins lucrativos que tem como principal objetivo ensinar às crianças temáticas importantes (maioritariamente relacionadas com as matérias escolares) de uma forma lúdica e divertida, recebe a visita de cerca de vinte mil crianças por ano, sendo que o número de crianças com NEE que visita o museu tem vindo a aumentar, conforme consta no site da instituição. O constante aumento do número de crianças com NEE que visita o Museu fez surgir a necessidade de o tornar num espaço mais inclusivo, no qual as crianças sem problemas de desenvolvimento sejam capazes de realizar as atividades que o espaço propõe, mas também integrar as crianças com NEE nas atividades e permitir-lhes o usufruto pleno do espaço e das atividades.

Neste sentido, surge a questão de partida, para esta investigação: “Quais as estratégias a utilizar, para adaptar o Museu das Crianças a crianças com Necessidades Educativas Especiais?”.

No intuito de estabelecer um projeto de intervenção cumpre em primeiro lugar : a) Caracterizar o espaço do museu e suas acessibilidades, as atividades do museu e o seu público alvo; b) Recolher dados de entrevista da diretora do Museu e dos monitores acerca das práticas do museu; c) definir a problemática de estudo; d) Planificar objetivos, estratégias e atividades para promover a participação da criança nas atividades do museu; e) Implementar as estratégias delineadas e, por fim, d) Analisar os contributos da adaptação das atividades na participação da criança na exposição interativa.

## **Contexto de Estudo e Participantes**

Neste capítulo procede-se à descrição e caracterização do contexto de estudo e dos participantes. O foco de atenção recai sobre as crianças com NEE que visitam o Museu e que tentam usufruir em pleno das atividades que este tem para lhe oferecer. Serão igualmente participantes no estudo a diretora do museu, os docentes que acompanham estas crianças bem como três monitores que dirigem as visitas guiadas.

Conforme suprarreferido, participaram no estudo quinze crianças que tinham NEE. As crianças observadas tinham entre os três e os dezasseis anos e sete eram do género feminino e oito do género masculino, frequentavam entre o pré-escolar e o segundo ciclo e demonstravam dificuldades e/ou incapacidades de cariz cognitivo e motor. As visitas foram sempre realizadas com os grupos-turma.

### **Análise do Contexto**

Tendo em vista uma melhor compreensão sobre o contexto museu e assim poder efetuar uma caracterização diagnóstica e contextualizada da situação – problema, foram analisados os seguintes documentos: Normas de Funcionamento do Museu das Crianças de Lisboa e Guião da Exposição “Viagem ao Meu Futuro”. Obtendo-se a informação que se segue:

#### **O Meio**

O Museu das Crianças fica localizado em Sete Rios, Lisboa. Funciona desde 2006 na entrada não paga do Jardim Zoológico e trata-se, neste momento, de um espaço alugado à referida entidade. A Instituição começou por funcionar num espaço no Museu da Marinha, em Belém.

## O Museu

O Museu das Crianças foi fundado em Lisboa há 23 anos por Margarida de Lancastre, inspirada pelo conceito que conheceu há 30 anos em Boston. Já, existiam, no entanto, outros Museus da Criança na Europa, sendo o de Bruxelas o pioneiro.

O Museu tem como finalidade criar um espaço didático e pedagógico, onde todas as crianças possam aprender a brincar através da ludicidade das atividades disponíveis. Tocar, ouvir, explorar e brincar são as palavras-chave que tornam da experiência de visita ao museu (*cit. www.museudascrianças.pt*).

Atualmente, frequentam o Museu aproximadamente 20 mil crianças por ano. A Exposição é a principal atividade do Museu, e muda a cada três anos, tentando sempre explorar temas adaptados à curiosidade das crianças e aos planos escolares. Neste momento o tema vigente da exposição são as profissões. O Museu das Crianças oferece também variadas atividades pedagógicas, tais como "Viagem ao Corpo Humano", "A Cozinha do *Chef Louis*", entre outros temas.

No Museu das Crianças existem dois tipos de atividade distintas que as crianças podem realizar: teatros pedagógicos e a exposição interativa. Podem realizar ambas as atividades em contexto de visita de estudo com as suas turmas ou a título pessoal com as suas famílias. As visitas de estudo carecem de marcação prévia, mas as visitas de famílias não. Sendo visita de estudo, o percurso pela exposição é feito por um monitor que guia a visita. Sendo a mesma realizada em contexto familiar um monitor mostra o espaço, faz o percurso com as famílias acompanhado por uma breve explicação das atividades que podem ser realizadas e as famílias exploram os materiais disponíveis da forma que lhes aprouver e durante o tempo que quiserem, dado que existe a possibilidade de visitar o Museu das 10h às 13h30 e das 14h30 às 18h. O presente projeto teve em consideração apenas a exposição interativa e as atividades nela desenvolvidas.

Comparativamente a outras atividades o ingresso do Museu não é dispendioso, pelo que nos visitam crianças de todos os estratos sociais, bem como escolas de cariz público, IPSS ou colégios particulares.

Com a presente investigação pretendem analisar-se os efeitos da adaptação das atividades disponíveis na Exposição Interativa "Viagem ao Meu Futuro" a crianças com NEE

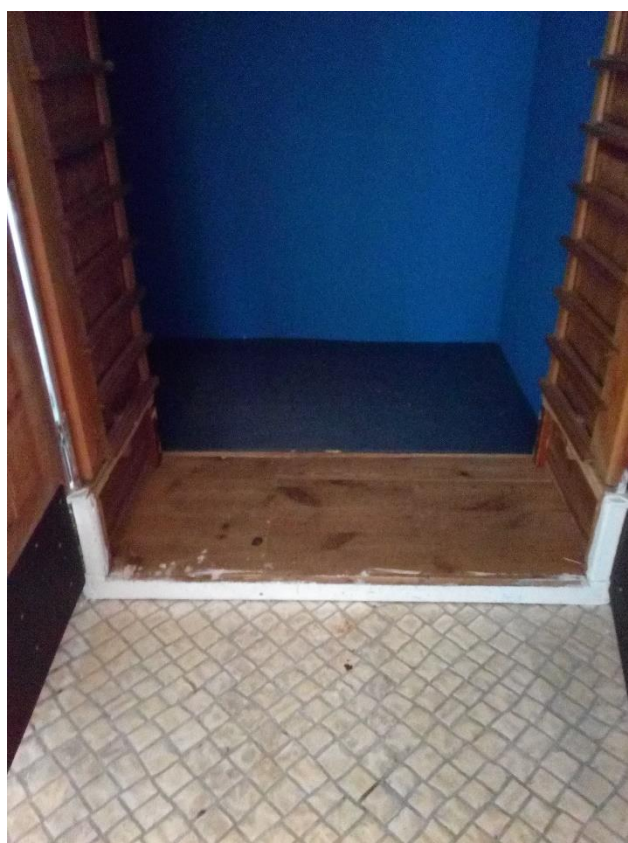
e analisar-se os efeitos da adaptação das atividades na participação dessas crianças na exposição. Assim, começamos por fazer, recorrendo a um registo fotográfico, o levantamento das estruturas que poderiam, de alguma forma ser uma barreira (física ou não) para as crianças com dificuldades.

Conforme podemos observar pela figura 1, a entrada do Museu é a primeira barreira a nível físico que se encontra. Ainda que seja possível abrir as duas portas existe um pequeno degrau que dificulta a subida de uma cadeira de rodas ou de um carrinho de bebé.



Figura 1 – Entrada do Museu

Conforme se pode observar pelas figuras 2 e 3, a entrada do Armário Mágico é, à semelhança da entrada principal do Museu, uma barreira física, pois implica subir o degrau, o que poderá ser difícil para uma cadeira de rodas ou para um carrinho de bebé. É fonte de inúmeras arduidades para as pessoas com NEE, mas não só. Por se tratar de um degrau e impedir quem vai numa cadeira de rodas ou num carrinho de bebé complica também quem acompanha que tem de fazer um esforço para levantar a cadeira/carrinho.



Figuras 2 e 3 – Entrada do Armário Mágico

Como é visível na figura 4, para entrar na Máquina do Tempo é necessária alguma mobilidade. É uma das principais barreiras arquitetônicas encontradas no Museu, dado que crianças com dificuldades motoras não conseguem usufruir desta atividade. Poderão ir ao colo do acompanhante. Ainda assim a entrada é bastante pequena e dificulta a participação do adulto.

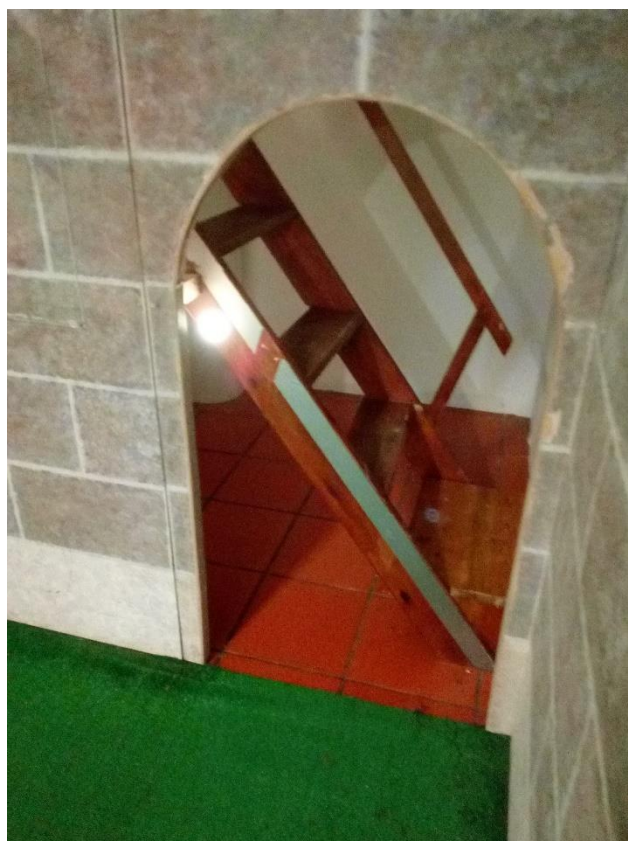


Figura 4 – Entrada da Máquina do Tempo

Como podemos ver na figura 5, para as crianças com menores dificuldades a nível motor é uma atividade bastante prazerosa, descer no escorrega da Máquina do Tempo. No entanto, é uma barreira bastante grande a nível físico, pois além de o ato de descer o escorrega poder ser um bocadinho assustador para algumas crianças, o facto de ser necessário subir escadas poderá tornar esta atividade impossível de realizar por parte de algumas crianças com limitações motoras mais severas.



Figura 5 – Escorrega da máquina do tempo

No decorrer da atividade pode constatar-se, que são muitas as barreiras físicas presentes na exposição interativa “Viagem ao Meu Futuro”. Treinar o equilíbrio na pista de equilíbriismo nem sempre é uma atividade simples. No decorrer do presente estudo, foi possível constatar que as crianças, principalmente as que apresentam dificuldades de cariz motor, que não conseguem fazer esta atividade. Por vezes, com acompanhamento e apoio do adulto, crianças com dificuldades ligeiras a nível motor conseguem realizar a atividade que consiste em passar de peça para peça, da mais baixa à mais alta sem cair.



Figura 6 – Pista de Equilibrismo

As principais barreiras que se encontram no decorrer da exposição interativa “Viagem ao Meu Futuro” são principalmente físicas, o que torna difícil a participação de crianças com dificuldades de cariz motor nas atividades disponíveis.

### As Crianças

A presente investigação foi realizada apenas tendo em consideração as turmas que frequentam exclusivamente a exposição interativa “Viagem ao Meu Futuro”. Foram observadas turmas inclusivas de ensino regular ou grupos apenas de crianças com NEE. Foram observadas no total quinze crianças, sendo 47% do sexo feminino e 53% do sexo masculino. A faixa etária dos grupos observados variou entre os 3 e os 16 anos.

<b>Criança</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Ano de Escolaridade</b>	<b>Cariz da NEE</b>
B.	M	13	4º	Cognitivo
M.	F	9	3º	Motor
S.	M	7	1º	Cognitivo
J.	M	14	6º	Motor
C.	F	9	1º	Cognitivo e Motor
E.	F	8	1º	Cognitivo
L.	M	16	6º	Cognitivo e Motor
A.	M	3	Pré-escolar	Motor
S.	M	5	Pré-escolar	Cognitivo
R	F	7	Pré-escolar	Cognitivo e Motor
N.	F	9	2º	Cognitivo
H.	M	15	6º	Motor
D.	M	4	Pré-escolar	Cognitivo
E.	F	12	5º	Cognitivo
R.	F	6	Pré-escolar	Motor

Tabela 1 – Participantes no Estudo

O presente estudo centrou-se, sobretudo, na adequação das atividades realizadas na exposição para crianças com NEE, por forma a promover o desenvolvimento global de todas as crianças, tentando que a sua inclusão e participação seja favorável em determinadas brincadeiras.

### **Modelo de Investigação**

O presente Projeto de Intervenção adota uma metodologia de investigação-ação, de natureza qualitativa. Segundo Sousa e Baptista (2011), “a investigação qualitativa centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos (...)” (p.12). Na presente investigação pretendeu-se: compreender os problemas, nomeadamente a impossibilidade das crianças NEE realizarem as atividades que compõem a exposição, analisar comportamentos e adaptar a realidade de forma a incluir os alunos com NEE nas atividades que formam a exposição “Viagem ao Meu Futuro”, patente no Museu das Crianças de Lisboa. Bell (1997), citando Cohen e Manion (1992) (p.17), acresce que a metodologia qualitativa é:

*(...) um procedimento essencialmente in loco, com vista a lidar com um problema concreto localizado numa situação imediata. Isto significa que o processo é constantemente controlado passo a passo (isto é, numa situação ideal), durante períodos variáveis, através de diversos mecanismos (questionários, diários, entrevistas e estudos de casos, por exemplo), de modo que os resultados subsequentes possam ser traduzidos em modificações, ajustamentos, mudanças de direção, redefinições, de acordo com as necessidades, de modo a trazer vantagens duradouras ao próprio processo em curso.*

Antes de se dar início à intervenção junto das crianças NEE foram realizadas várias fases, nomeadamente: observações e posteriores notas de campo que levaram às estratégias mais adequadas a implementar com os grupos de crianças. Após estas observações e conclusões foram redefinidas estratégias e possibilidades de ação que após implementação levaram a novas observações.

Como é um estudo que tem por base um modelo de investigação-ação, a intervenção

procurou transformar a realidade observada num contexto onde todas as crianças com NEE sentissem que podiam e conseguiam participar em todas as atividades que lhes eram propostas. Neste sentido, procurou desenvolver-se um processo contínuo que integrou a planificação, observação, intervenção e nova planificação, de modo a contribuir para a mudança de uma forma que se quis construtiva, participativa e reflexiva.

Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira & Vieira (2009) *cit.* Watts (1985) defendem que “a investigação-ação é um processo em que os participantes analisam as suas próprias práticas educativas de uma forma sistemática e aprofundada, usando técnicas de investigação. É uma metodologia de pesquisa, essencialmente prática e aplicada que procura resolver problemas reais. É participativa; colaborativa; prática; interventiva e cíclica”.

Este projeto consiste numa investigação-ação, dado que foi primeiramente analisado e observado o contexto, de seguida foi planeada a ação e implementada a mesma. Seguiu-se nova reflexão, adaptação das atividades e nova implementação. Com a implementação do projeto foi possível perceber que as adaptações às atividades disponíveis no Museu são constantes, dado que as crianças são diferentes entre si e também as suas necessidades diferem.

## Técnicas de Recolha de Dados

Antes de aplicar qualquer um dos instrumentos de recolha de dados solicitei autorização à Direção do Museu das Crianças de Lisboa, na pessoa da Diretora. Informei também qual o objetivo da investigação e garanti o respeito à privacidade, confidencialidade e o anonimato. Aos Professores Titulares de Turma dos grupos que nos visitaram dei a conhecer a presente investigação. Todos os docentes aceitaram participar no estudo, bem como, deram permissão às crianças para participar.

### Entrevista

Segundo Sousa e Baptista (2011), citando Ketele (1999) (p.14) “a entrevista é um método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas cuidadosamente selecionadas, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspetiva dos objetivos da recolha de informações”.

Gil (1987) defende que a entrevista é:

*(...) a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (p.48).*

O presente estudo foi desenvolvido, recorrendo à elaboração e aplicação de entrevistas semiestruturadas à Diretora do Museu das Crianças de Lisboa e a uma amostra de três funcionários do Museu das Crianças e que exercem funções de monitores/guias na exposição interativa “Viagem ao Meu Futuro”. O guião da referida entrevista encontra-se em anexo (anexo A).

A entrevista semiestruturada foi a opção, dado que permite ao entrevistado falar mais livremente dado que integra poucas questões fechadas. Tal como referem Ghigliione e Matalon

(1992), na entrevista semiestruturada “(...) o entrevistador conhece todos os temas sobre os quais tem de obter reações por parte do inquirido, mas a ordem e a forma como os irá introduzir são deixadas ao seu critério, sendo apenas fixada uma orientação para o início da entrevista” (p.27).

Numa fase inicial comecei por construir o guião da entrevista (Anexo A), destinado à Diretora do Museu e aos três funcionários que há mais tempo trabalham no Museu, abordando a temática: “Adaptação do Museu das Crianças a Todas as Crianças”. Este guião foi, para mim, o fio condutor enquanto entrevistadora. Foram objetivos fulcrais deste guião: a) Recolher informação para caracterizar o entrevistado; b) Recolher informação relativa à importância das práticas lúdicas no Museu das Crianças; c) Perceber o contributo das práticas lúdicas no desenvolvimento das crianças com NEE que frequentam o Museu; d) Recolher informação acerca do contributo das práticas lúdicas para a inclusão das crianças NEE nas atividades desenvolvidas; e) Envolver o entrevistado no desenvolvimento do processo de investigação-ação em curso.

No que diz respeito à implementação das entrevistas, quer à Diretora do Museu, quer aos monitores, foi tida em conta e respeitada a neutralidade. As entrevistas foram realizadas no Museu, numa sala reservada para o efeito. Foram gravadas, com autorização dos entrevistados, em formato áudio de forma a ser mais facilitador e preciso aquando a sua transcrição. Qualquer um dos entrevistados esteve sempre disponível no decorrer da entrevista, tendo respondido a todas as questões colocadas.

Após este processo, foi elaborada a análise de conteúdo das quatro entrevistas) “(...) é uma técnica de investigação para a descrição objetiva, sistemática (...) do conteúdo manifesto da comunicação” como defendem Ghiglione e Matalon (1992), citando Beselson, 1952 (p.43). Bardin (1977) acrescenta “(...) a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (p.127).

## Resultados das Entrevistas

Para conhecer o que pensam os monitores e a diretora do Museu em relação ao facto de o museu ser ou não um espaço inclusivo e ter ou não capacidade para tal, foram entrevistados, conforme guião em anexo, os três funcionários que há mais tempo colaboram no Museu (entre 11 e 2 anos de serviço) e a Diretora que desempenha as funções há quatro anos.

As funções dos monitores são: receber e acompanhar visitas de escolas, famílias e em âmbito de festas de aniversário. Também dinamizam atividades de tempos livres. As funções da Diretora são coordenar os funcionários e gerir a secção financeira do espaço.

## Análise Sumária das Entrevistas

Categorias	Sub – Categorias	Unidades de Registo	
		Indicadores da Diretora	Indicadores dos Monitores
Acessibilidade dos espaços dos Museus	Sim	Adaptam-se a todas as crianças.	
	Não		Alguns espaços poderiam ser adaptados a crianças com Necessidades Educativas Especiais.
	Sim	A exposição “Viagem ao Meu Futuro”	A exposição é adequada para receber crianças com dificuldades especialmente

<p>Adequação da exposição “Viagem ao Meu Futuro”</p>	<p>Não</p>	<p>consegue incluir as crianças com necessidades especiais.</p>	<p>cognitivas/emocionais.  Não totalmente.</p>
<p>Futuro do Museu</p>	<p>Expetativas positivas em relação ao futuro do Museu</p>	<p>Ser um local de referência, onde as crianças possam aprender algo novo e brincar.</p>	<p>Tornar o Museu Inclusivo e pedagogicamente e cientificamente informado.</p>
	<p>Expetativas negativas em relação ao futuro do Museu</p>		<p>Não tenho expetativas.</p>

## Análise de Conteúdo das Entrevistas

Contexto – As entrevistas decorreram nos dias 19, 20, 21 e 22 de janeiro de 2018, na sala de pessoal do Museu das Crianças, mostrando todos os entrevistados total disponibilidade.

Comportamentos do Entrevistados – Qualquer dos entrevistados mostrou-se calmo, à vontade, colaborante, respondendo de forma clara e, por vezes, prolongando as respostas.

Categorias	Sub – Categorias	Unidades de Registo	Frequência
Acessibilidade dos espaços dos Museus	Sim	Adaptam-se a todas as crianças.	1
	Não	Alguns espaços poderiam ser adaptados a crianças com Necessidades Educativas Especiais.	3
Adequação da exposição	Sim	A exposição “Viagem ao Meu Futuro” consegue incluir as crianças com necessidades especiais.	3

“Viagem ao Meu Futuro”	Não	Não totalmente.	1
	Expetativas positivas em relação ao futuro do Museu	Ser um local de referência, onde as crianças possam aprender algo novo e brincar.	3
	Expetativas negativas em relação ao futuro do Museu	Não tenho expetativas.	1
Futuro do Museu			

Após análise de conteúdo das entrevistas é possível concluir-se que as opiniões da diretora e dos monitores relativamente às acessibilidades do Museu são divergentes. Em relação à exposição pode concluir-se que três dos entrevistados concordam que pode ser explorada por crianças com NEE, excetuando um que defende que terão que haver adequações que permitam essa exploração. Relativamente às expetativas em relação ao futuro do Museu um dos monitores refere não ter qualquer expetativa, enquanto que a diretora e os restantes monitores dizem ter esperança em que o Museu se torne num espaço mais inclusivo.

## **Pesquisa Documental**

No decorrer da investigação, recorreu-se a pesquisa documental. Bell (1997), citando Johnson (1984) “a maioria dos projetos de ciências da educação exige a análise documental [a qual] servirá para complementar a informação obtida por outros métodos (...) a análise documental de ficheiros e registos educacionais pode revelar-se uma fonte de dados extremamente importante” (p.17). Assim, foi realizada com base na análise de documentos existentes acerca da criança e da criança com NEE bem como acerca da importância dos Museus enquanto espaços lúdicos e de pertença à sociedade, nomeadamente revisão da literatura. Gil (1987) defende que “(...) não são apenas as pessoas vivas que constituem fontes de dados. Muitos dados importantes na pesquisa social provêm de fontes de papel” (p.42).

Os documentos que analisados foram: o Regulamento do Museu das Crianças e o guião da exposição interativa “Viagem ao Meu Futuro”. De igual modo, para elaboração de revisão da literatura foi realizada pesquisa bibliográfica, sobre a temática em estudo, com a finalidade de obter mais e melhores respostas, no decorrer da investigação.

## Observação

Para avaliar os resultados obtidos, foram elaboradas observações naturalistas e realizadas notas de campo dessas observações. No que diz respeito à observação, esta “(...) é uma técnica de recolha de dados que se baseia na presença do investigador no local [o qual] pode usar métodos categoriais, descritivos ou narrativos” (Sousa & Baptista, 2011, p.27). É uma ferramenta imprescindível, dado que “(...) é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos (...)” (Afonso, 2005, p.85).

De acordo com Bell (1997, p.18), citando Nisbet (1977):

*“A observação, porém, não é um dom «natural», mas uma actividade altamente qualificada para a qual é necessário não só um grande conhecimento e compreensão de fundo, como também a capacidade para desenvolver raciocínios originais e habilidade para identificar acontecimentos significativos”.*

Neste estudo foram realizadas observações participantes, em que o investigador esteve envolvido na situação com os sujeitos observados. Isto é, a observação das práticas integrava-se na própria intervenção, pois permitiu após a primeira observação adaptar as atividades, implementá-las e, em simultâneo, fazer novas observações e ter *feedback*, sendo este positivo mantinha-se a atividade com essa alteração, se não ia-se alterando até a atividade ser de concretização muito básica e a criança com NEE conseguir realizá-la e sentir-se, assim, parte integrante de um grupo que desenvolve uma atividade em conjunto.

Para o presente estudo foram realizadas cinco observações, nas quais foram observadas quinze crianças com idades compreendidas entre os três e os dezasseis anos (sete do sexo feminino e oito do sexo masculino) que apresentavam NEE. As crianças participantes no estudo tinham NEE quer a nível motor, quer a nível cognitivo. Os resultados foram analisados através da análise documental das entrevistas e da análise documental das notas de campo (anexo D) realizadas aquando as observações.

## **Princípios e Pressupostos Éticos**

Qualquer projeto de intervenção ou investigação deve reger-se pelos princípios de consentimento informado. Deste modo os participantes:

- tem o direito de colocar, antes ou durante o desenvolvimento da investigação, qualquer questão acerca da mesma;
- ser informado dos procedimentos metodológicos;
- direito ao anonimato sem que nenhum nome ou informação que por mim fornecida será divulgada sem o meu conhecimento ou consentimento;
- garantia de que as gravações recolhidas não podem ser divulgadas ou usadas para o outro fim que não a realização do trabalho, tendo direito a uma cópia e no fim do trabalho as imagens são destruídas;
- liberdade de desistir da investigação a qualquer momento.

Após a realização da pesquisa bibliográfica e consequente revisão da literatura foi necessário, com autorização prévia da direção, na pessoa da diretora do museu, observar e estudar os grupos de crianças que acompanhavam as visitas de grupo à exposição interativa “Viagem ao Meu Futuro”. As práticas dos monitores foram também observadas, pelo que foi obtido o consentimento informado escrito (anexo F) dos três monitores participantes na investigação. As crianças foram informadas acerca do projeto de intervenção, bem como os professores titulares ou educadores de infância que acompanharam os grupos de crianças. Foram explicados os objetivos da pesquisa, metodologias e direitos de participação. As crianças e docentes autorizaram verbalmente a sua observação. Como não se tratou de observação gravada a autorização foi verbal, mas seguindo todos os princípios da livre participação. Para recolher algumas notas de campo, pedi autorização e garanti confidencialidade e o anonimato de todos os envolvidos.

Os pais e encarregados de educação das crianças participantes do estudo não foram informados acerca da presente investigação porque o Museu não estabelece (nem tem como estabelecer) qualquer relação com estes.

Os cuidados foram tidos para a pesquisa não interferir com o bem-estar das crianças e objetivos das visitas ao Museu, nomeadamente o facto das visitas decorrerem nos seus tramites habituais sem qualquer alteração; a investigadora não desempenhou sempre o papel de monitora que orientou a visita, pelo que foi possível também estar numa postura mais passiva e com menos intervenção junto das crianças. A investigadora “moldou-se” às

circunstâncias e, assim, foi possível recolher dados considerados suficientes para desenvolver esta dissertação. Isto é, teve uma participação ativa junto dos envolventes quando considerado necessário, mas também manteve o distanciamento quando as circunstâncias assim o exigiam, por forma a recolher os dados necessário à realização do presente projeto.

Para tornar possível o presente projeto, foram feitas cinco observações, nas quais se observaram quinze crianças com NEE. Foram elaboradas notas de campo (anexo C) analisadas através de análise de conteúdos, por forma a permitir a adaptação das atividades e nova intervenção. Isto é, entre cada uma das observações foram implementadas estratégias no decorrer das atividades que permitiram torná-las mais adequadas para as crianças com NEE.

## PARTE III – PROJETO DE INTERVENÇÃO

### Definição da problemática

No que diz respeito ao espaço físico do Museu das Crianças tanto a diretora do espaço como os três monitores entrevistados concordaram que era possível adequá-lo para todas as crianças, o que se denota em afirmações como “penso que há certos espaços que deveriam estar adaptados a crianças com dificuldades motoras expressivas” ou “no geral sim, no entanto tal como referi algumas salas/atividades não são adequadas para estas crianças”.

No entanto, no que às atividades, desenvolvidas no decorrer da exposição, diz respeito as opiniões divergiram: por um lado a diretora afirma que “a exposição “Viagem ao Meu Futuro” consegue incluir as crianças com necessidades especiais”, por outro lado os monitores afirmam que as barreiras físicas são algumas e que, nem sempre, é possível contorná-las. Tal é notório em afirmações como “certos módulos não poderem ser totalmente explorados, por exemplo, por crianças com incapacidades motoras” ou “há pequenos elementos que, não sendo um perigo flagrante para crianças sem problemas de desenvolvimento, podem sê-lo para aquelas com incapacidades quando não têm o acompanhamento de um adulto 100% do tempo”.

Uma opinião comum aos quatro entrevistados foi a de que a exposição “Viagem ao Meu Futuro” é adequada para todas as crianças. Tal é reforçado em afirmações como: “a exposição “Viagem ao Meu Futuro” consegue incluir as crianças com necessidades especiais, com bastante ajuda dos Monitores do Museu, em várias atividades interativas”, “esta exposição tem, a meu ver, um enorme potencial para crianças com dificuldades especialmente cognitivas/emocionais (ou de desenvolvimento global) por ser altamente estimulante e com uma intenção a ela associada” ou “ela é adequada”. Aquando as observações que realizei foi-me possível constatar que as atividades lúdicas proporcionam um ambiente que estimula o interesse, a motivação e a participação de todos os intervenientes. Estas perceções são corroboradas por Maluf (2009, p.83), que defende que “desde os primeiros anos de vida devem ser adotadas atividades lúdicas que intervenham positivamente no desenvolvimento da criança, promovendo o desenvolvimento das suas competências”. O mesmo autor afirma também que as atividades lúdicas contribuem para o desenvolvimento cognitivo das crianças.

Foi possível verificar a veracidade desta afirmação no decorrer das observações realizadas, nas quais consegui constatar que as atividades implementadas proporcionaram a todas as crianças aquisição de aprendizagens que contribuíram, grande parte das vezes, para a superação das suas dificuldades e consequente desenvolvimento cognitivo.

As opiniões dos três monitores entrevistados, foi concordante relativamente às dificuldades sentidas aquando o acompanhamento de crianças com NEE à exposição. Afirmações como “as principais dificuldades prendem-se com a falta de informação sobre essas crianças por parte dos professores e a impossibilidade de certas crianças usufruírem do espaço na sua globalidade” ou “uma das principais dificuldades que sinto é conseguir que as crianças com NEE se sintam incluídas em todas as atividades que existem no decorrer da exposição, por exemplo crianças sem problemas de desenvolvimento facilmente ou com pouca ajuda conseguem descer um escorrega, mas as crianças com incapacidades motoras por exemplo, dificilmente o conseguem fazer” foram algumas das ideias defendidas pelo monitores que consideram que a exposição está bem organizada mas que as barreiras físicas não permitem à criança com NEE o pleno usufruto das atividades lúdicas que a mesma tem para oferecer. No entanto, crianças com dificuldades que não sejam de cariz físico conseguem, perfeitamente, segundo os mesmos usufruir da panóplia de atividades disponíveis, fazendo do Museu um espaço inclusivo.

## Planificação de Intervenção

Com base nos dados recolhidos em entrevista, na caracterização do museu e na literatura revista no enquadramento teórico desta tese, foi realizada uma planificação com os seguintes dados:

**Objetivo geral:** Possibilitar a crianças com NEE usufruir das atividades da exposição interativa “Viagem ao Meu Futuro”.

**Objetivos específicos:** -Tentar ultrapassar barreiras de cariz físico/motor;

- tentar ultrapassar barreiras de cariz social
- promover a inclusão de crianças com NEE no seu grupo de pares.

**Atividades:** - Descer no escorrega, ultrapassar uma pista de obstáculos, passar por um labirinto

- seleccionar uma peça para fazer uma história, brincar ao faz-de-conta
- tocar instrumentos musicais, fazer um desenho em grupo com os dedos.

**Participantes:** Quinze crianças com NEE de cariz motor e/ou cognitivo. Sete do sexo feminino e oito do sexo masculino, com idades compreendidas entre os três e os dezasseis anos.

**Recursos:** - Escorrega, pista de obstáculos, labirinto;

- um monitor-guia do Museu; Professor titular de turma ou professor de educação especial ou ajudante de ação educativa;
- peças para a história, elementos da “casinha”, isto é, objetos de brincar (do quotidiano);
- instrumentos musicais, quadro interativo, computador.

**Meta temporal:** Quatro meses.

Partindo do quadro teórico foram definidos os indicadores de avaliação.

**Indicadores de avaliação:**

**Para o objetivo “tentar ultrapassar barreiras de cariz físico/motor”:**

- a criança com NEE desiste quando se depara com um obstáculo físico;
- a criança com NEE pede ajuda quando sente dificuldades;
- a criança com NEE aceita ajuda do adulto ou dos pares quando dela necessita.

**Para o objetivo “tentar ultrapassar barreiras de cariz social”:**

- a criança com NEE procura interagir com os pares;
- a criança com NEE procura interagir com os adultos;
- a criança com NEE tem, na sala, um adulto de referência e se o procura.

**Para o objetivo “promover a inclusão de crianças com NEE no seu grupo de pares”:**

- a criança com NEE participa nas atividades;
- as outras crianças incluem e ajudam as crianças com NEE a participar;
- a criança com NEE apresenta interações positivas com o seu grupo de colegas e professores;
- a criança com NEE apresenta respostas de prazer e satisfação durante as atividades.

**Instrumentos de Avaliação:** notas de campo; tabela com os indicadores de avaliação.

## Plano de Atividades

Após observação e consequentes notas de campo (anexo D) foi traçado um plano de ação, que incluiu uma intervenção em cada sala da exposição com o objetivo de facilitar o acesso, a participação e o sucesso de todas as crianças.

Na primeira sala, Alameda da Vocação, as competências exigidas às crianças são descer o escorrega da máquina do tempo; descobrir na roda das profissões, a profissão que terão no futuro e selecionar a sua inteligência / o seu talento especial. De acordo com as limitações das crianças acompanhadas, houve uma tentativa de integração através de adaptações às atividades que se considerou torná-las mais inclusivas. Relativamente às adequações realizadas: as crianças que não conseguiam descer o escorrega sozinhas e com as quais foi permitido interagir diretamente, sentei-as no colo e desci com elas. Acompanhei cada criança à roda das profissões e, se necessário, agarrei nas suas mãos e coloquei-as sobre o dispositivo que faz as luzes acenderem, rodarem e pararem numa profissão específica (por vezes bastante distante da que as crianças “querem ser quando forem grandes”). Relativamente à escolha do seu talento natural sentiu-se alguma dificuldade em adaptá-la, dado que, se para algumas crianças o seu talento é algo espontâneo e visível para outras não é bem assim, pelo que tentei em conversa com as crianças perceber o que gostavam de fazer e o que sabiam fazer de forma correta e com relativa facilidade. Nalguns casos a conversa não foi difícil, foi até esclarecedora e as crianças conseguiram perceber a finalidade da atividade. Noutros casos houve um monólogo. Falava-se com as crianças e em troca recebia-se um sorriso, um piscar de olhos ou um dedo de uma mão trémula a apontar.

A segunda sala é a da inteligência física e, como o próprio nome indica, requer algum esforço e trabalho a nível físico. Face aos seus interesses pessoais nem todas as crianças fazem todas as atividades disponíveis no decorrer da exposição até porque a visita tem uma duração de duas horas e são sete as salas de atividade, pelo que o tempo máximo a permanecer em cada sala é de quinze minutos. Nesta sala as competências exigidas às crianças são brincar ao faz-de-conta e serem médicas, enfermeiras, bombeiras, dentistas ou equilibristas. A adequação da atividade a realizar nesta sala foi respeitante à pista de equilíbrio tendo em conta um acompanhamento individualizado a cada criança.

Na terceira sala é a da inteligência da música é exigido às crianças toquem instrumentos musicais da família da percussão e que, juntas, formem uma banda. Começa por perguntar-se de que turma ou de que sala as crianças são e explico que o objetivo é criar uma

banda, por exemplo: a banda da sala azul. Grande parte das crianças reage bem a esta atividade. No entanto, foram acompanhadas algumas (não muitas) exceções. Enquanto adaptação da atividade houve uma tentativa de incluir sempre as crianças, nem que fosse dando um instrumento musical mais simples de tocar quando a distribuição “aleatória” dos mesmos, como por exemplo uma maraca. Contudo, houve algumas crianças que pelo barulho que provocava a atividade se recusaram a participar, tapando os ouvidos.

A quarta sala é a da inteligência das palavras. Nesta sala exige-se às crianças que recorrendo a peças com cores, construam uma história só com imagens, mas sem ver a imagem escolhida pelo outro. O processo de escolher uma peça revelou-se, para algumas crianças, mais difícil do que o inicialmente suposto. Assim, de forma a adequar a atividade foi sempre incentivada a participação das crianças. Na maioria dos casos as crianças reagiram positivamente aos incentivos, pelo que foram capazes de escolher a peça e participar assim na atividade.

A quinta sala é a da Inteligência das Pessoas exige à criança e recorrendo, mais uma vez, ao faz-de-conta, ao *roleplay*, ser caixa de supermercado; repositora; padeira; pasteleira; polícia; bombeira; funcionária de café e cliente. É uma sala com bastantes atividades, o que torna difícil a permanência na mesma durante apenas quinze minutos. Nesta sala as dificuldades que as crianças, eventualmente, tenham tornam-se ainda mais óbvias, dado que nem sempre brincar é intuitivo. Nesta sala, a adequação passou por brincar com todas as crianças, interagir diretamente com elas dizendo, por exemplo, “estou no café, sou cliente e quero um pão. Podes dar-mo, por favor?”. Com algumas crianças resultou, pois consistia em cumprir uma ordem, com outras optou-se por colocar o chapéu de polícia na sua cabeça, dar a mão e juntos multar quem está a fazer disparates. Uma última opção que foi posta em prática foi pegar num carrinho de supermercado, entregá-lo à criança e ir ao supermercado comprar as frutas e legumes favoritos. É uma sala trabalhosa pela extensa oferta de atividades, mas da qual as crianças usufruem em pleno, pois podem optar pelas brincadeiras que lhes são mais prazerosas.

A sexta sala de atividades é a sala da inteligência dos números. Nesta sala são exigidas à criança a participação em quatro as atividades disponíveis: construção com legos; escolher de que cores as crianças pintariam as diferentes divisões de uma casa; um desenho no programa *paint* num quadro interativo, utilizando apenas os dedos e brincar no quartel dos bombeiros que implica: subir pela escada ou por uma parede de escalada e descer pelo escorrega ou por um varão. Após observação, constatou-se que as atividades que implicam

menos atividade física são factíveis por qualquer criança. No entanto, grande parte das preferências das crianças nesta sala recaem pelo desenho no quadro interativo. Desenhar com os dedos sem os sujar suscita interesse e curiosidade nas crianças em geral. Relativamente ao quartel dos bombeiros, as crianças que não tinham limitações físicas ou cognitivas graves conseguiam fazê-lo sem dificuldades, mas contando sempre com o apoio do adulto. As crianças com limitações físicas graves não conseguiram aceder ao quartel, dado que implicava subir e para algumas crianças é impossível devido às suas limitações notórias.

A sétima e última sala de atividades é a sala da inteligência da natureza. É uma sala com apenas duas atividades de cariz mais tranquilo, que apelam à calma para terminar o percurso pela exposição. Exige-se às crianças que passem, de joelhos, por dentro de uma lagarta para ver o que ela comeu. Das crianças observadas, as que por algum motivo, não conseguiam ficar de joelhos fizeram na mesma a atividade arrastando-se, dado que o interior da lagarta é suave e seguro. Uma das crianças não conseguia sequer ter mobilidade para se arrastar, conforme mencionei nas notas de campo (em anexo). No entanto, foi pegada ao colo e o percurso foi feito acompanhada, sendo esta a adaptação feita à atividade desta sala. Deste modo, a criança pode participar como as restantes e foi gratificante poder ajudar. Embora, seja importante encontrar soluções de autonomia para todas as crianças.

Após observação e conseqüente aplicação de algumas adaptações às atividades disponíveis, foi possível concluir que da exposição “Viagem ao Meu Futuro”, presente no Museu das Crianças de Lisboa, é possível o usufruto de todas as crianças.

## **Principais Resultados e Reflexão sobre o Projeto**

Numa primeira fase procurou estudar-se, por observação, até que ponto era possível adequar a exposição “Viagem ao Meu Futuro” a todas as crianças que visitam o Museu das Crianças, sendo que, as atividades desenvolvidas são revestidas de um caráter lúdico, mas apresentam a intencionalidade de promover a inclusão e desenvolvimento infantil.

Numa segunda fase, procurou cruzar-se os dados recolhidos através da pesquisa bibliográfica, das observações, das adaptações às atividades, da implementação das adaptações e das entrevistas realizadas, com a finalidade de traçar um quadro compreensivo que permitisse o desenvolvimento de uma planificação para a intervenção.

Após a intervenção foi possível verificar que é possível adaptar, ainda que parcialmente, a exposição “Viagem ao Meu Futuro”, patente no Museu das Crianças a crianças com NEE, dado que todas as crianças incluídas nas atividades puderam acompanhar o grupo e participar nas atividades que lhes eram propostas, foram pertença do seu grupo de pares e conseguiram desenvolver as suas brincadeiras em simultâneo com o restante grupo. As maiores dificuldades surgem perante as grandes limitações a nível motor, dado que as barreiras físicas existentes no Museu são ainda grandes e difíceis de ultrapassar. Nesse sentido, verifica-se que a inclusão de todas as crianças, nas atuais condições do museu requer apoio, suporte e total dedicação da(s) pessoa(s) que as acompanha(m) na exposição. Estes profissionais, devem procurar seguir o ritmo e o tempo de cada criança, ajudando a usufruir das atividades e brincadeiras que o Museu tem para oferecer. Evidentemente que foi com agrado que as crianças com NEE participaram nas atividades, ainda que, com adaptações o que levou à conclusão de que as estratégias utilizadas foram eficazes.

As estratégias utilizadas tinham como finalidade envolver todas as crianças nas atividades disponíveis na exposição, estando estas sempre integradas no seu grupo-turma, de forma a facilitar a promoção do seu desenvolvimento cognitivo e a sua inclusão nesse mesmo grupo. Após a intervenção o desempenho e cuidado dos monitores para com a participação das crianças NEE melhorou bastante, assim como a sua disponibilidade para com elas. Outro dos aspetos que efetivamente melhorou foi a abrangência do público-alvo, isto é, a exposição deixou de ser apenas indicada para crianças sem problemas de desenvolvimento, mas também passou a ser adequada para crianças com NEE.

Desta forma, pode concluir-se que a metodologia e as estratégias utilizadas, nomeadamente a observação, adaptação das atividades e implementação dessas adaptações,

foram eficazes, uma vez que foi possível constatar *in loco* que este projeto permitiu que mais crianças tivessem acesso à participação nas atividades disponíveis, podendo-se inferir que se atingiram os objetivos da inclusão. As estratégias utilizadas primaram pelo acompanhamento individual de cada uma das crianças com NEE. Todas as crianças se mostraram agradadas por conseguirem participar nas atividades disponíveis na exposição interativa “Viagem ao Meu Futuro”, ainda que com algumas adaptações. Após a intervenção junto das crianças e dos monitores do Museu é possível perceber que a disponibilidade por parte dos profissionais para acompanhar crianças NEE é bastante maior, pois com o presente projeto foi possível desmistificar a ideia de que as crianças NEE são incapazes e que não conseguem ultrapassar as barreiras que lhes surgem.

Para tornar este projeto possível foram definidos um objetivo geral: Possibilitar a crianças com NEE usufruir das atividades da exposição interativa “Viagem ao Meu Futuro”; e três objetivos específicos: tentar ultrapassar barreiras de cariz físico/motor; tentar ultrapassar barreiras de cariz social; promover a inclusão de crianças com NEE no seu grupo de pares.

Face ao primeiro objetivo específico procurou observar-se: se as crianças com NEE desistiam quando se deparavam com um obstáculo físico; se pediam ajuda quando sentiam dificuldades; se aceitavam ajuda do adulto ou dos pares quando dela necessitavam. Após observação foi possível concluir que as crianças com NEE desistiam quando se deparavam com um obstáculo físico, não pediam ajuda quando sentiam dificuldades, mas aceitavam ajuda do adulto ou dos pares.

Para o segundo objetivo procurou observar-se: se as crianças com NEE procuraram interagir com os pares; se as crianças com NEE procuraram interagir com os adultos; se as crianças com NEE tinham, na sala, um adulto de referência e se o procura. Após observação foi possível concluir que nem sempre as crianças com NEE procuraram interagir com os pares ou com os adultos. Pode também constatar-se que nenhuma das crianças com NEE procurou o adulto na sala como sendo o seu de referência.

Para o terceiro objetivo procurou observar-se: se as crianças com NEE participavam nas atividades; se as outras crianças incluem e ajudam as crianças com NEE a participar; se as crianças com NEE apresentavam interações positivas com o seu grupo de colegas e professores; se as crianças com NEE apresentavam respostas de prazer e satisfação

durante as atividades. Após observação foi possível concluir que as crianças com NEE participaram sempre nas atividades, sendo incluídas e ajudadas pelos pares, apresentando interações positivas com os colegas e professores, apresentando respostas de prazer e de satisfação.

Em auto-avaliação, considero que, após intervenção, o objetivo “remoção dos obstáculos físicos” foi parcialmente atingido porque foi possível colocar um corrimão nas escadas que dão acesso ao corredor da primeira sala de atividades. Igualmente, os monitores consideram que foi parcialmente atingido, dado que não foi possível, por exemplo colocar uma rampa no armário mágico que dá acesso à exposição. Só a diretora do museu considerou que este objetivo foi atingido. Nas notas de campo de dia 02 de fevereiro de 2018 confirma-se esta informação “será necessária uma maior intervenção do adulto junto das crianças para tornar possível a realização desse género de atividades”. As barreiras físicas existentes no museu são possíveis de ultrapassar com a total disponibilidade do adulto que acompanha as crianças. O objetivo “atividades para a melhoria da inclusão e participação da criança na exposição” foi atingido. Esta conclusão é comum a todos os monitores e à diretora do museu, conforme se confirmou no dia 12 de fevereiro de 2018, “Ela brinca com os pares”. As adaptações feitas nas atividades fomentaram a participação das crianças com NEE. Relativamente ao objetivo “adaptação das atividades de forma a promover a inclusão no grupo de pares” também foi, de acordo com os monitores e a diretora do museu, atingido. Tal constatou-se no dia 04 de abril de 2018 “a ideia de união os tranquiliza”. O facto de ser promovido o trabalho com os pares levou à inclusão das crianças com NEE no seu grupo de pares. Já o objetivo “fomentar o trabalho em equipa” foi, de acordo com os monitores e a diretora do museu parcialmente atingido, dado que apesar das tentativas dos monitores no decorrer da exposição nem sempre as crianças reagiram de forma favorável, como mencionado na nota de campo de dia 21 de março de 2018 “quando percebeu que íamos tocar instrumentos musicais tapou os ouvidos”. Pôde, após observações, constatar-se que nalgumas situações as crianças com NEE se sentiram desconfortáveis para trabalhar em equipa.

Para comparação de resultados foi elaborada uma tabela de indicadores de avaliação (anexo G). Essa tabela permitiu-nos verificar que o objetivo “tentar ultrapassar barreiras de cariz físico/motor” foi parcialmente atingido uma vez que todas as crianças com NEE que participara no estudo nem sempre aceitaram ajuda quando dela necessitaram e, da mesma forma, não pediram ajuda. Relativamente ao objetivo “tentar ultrapassar barreiras de cariz

social” não foi atingido dado que nem sempre as crianças com NEE procuraram interagir com os adultos ou com os pares. O objetivo “promover a inclusão de crianças com NEE no seu grupo de pares” foi atingido uma vez que todas as crianças com NEE participaram com o seu grupo de pares e apresentaram respostas de prazer e satisfação durante as atividades.

Em suma, o presente estudo revelou-se útil e importante, uma vez que contribuiu como um estímulo para a superação das dificuldades manifestadas pelas crianças com NEE, aquando a sua visita à exposição interativa “Viagem ao Meu Futuro”, patente no Museu das Crianças de Lisboa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente projeto tinha como objetivo adaptar o Museu das Crianças, bem como as atividades que lá se desenvolvem a todas as crianças, incluindo aquelas que apresentam NEE, quer a nível físico, quer a nível relacional. Considera-se que de um modo geral foi possível adaptar a exposição e cumprir este objetivo, dado que com as adequações consideradas necessárias foi possível que as crianças com NEE usufríssem das atividades disponíveis. Contudo, futuramente, seria importante melhorar os seguintes aspetos: a) o acesso da criança com NEE pode ser facilitado em termos de infraestruturas, isto é, o espaço físico do Museu poderá sofrer pequenas alterações que facilitem a participação de todas as crianças nas atividades, como é o caso de rampas de acesso e também b) as atividades mais complexas, como andar de escorrega, poderão ter uma variante mais simples, uma alternativa que permita à criança com NEE usufruir das atividades como as restantes crianças. Tal seria viável com algum investimento monetário e de formação para os monitores, por forma a torná-los mais atentos e disponíveis para responder às necessidades de todas as crianças.

### *Ensinamentos desta Experiência*

Embora esta seja uma experiência singular e não generalizável, este projeto indicou que a estratégia de individualizar as respostas a cada grupo beneficia a participação das crianças, na medida em que permite que todas participem e estejam, efetivamente, incluídas no grupo. De salientar, ainda, que cada criança deve ser devidamente acompanhada, para se sentir segura e confortável ao longo da sua participação na exposição. Isto é, no decorrer das observações foi possível constatar que quando os adultos que acompanhavam as crianças com NEE se mostravam disponíveis para estas, a vontade de participar e a desinibição quando o faziam ascendia muito. Noutros contextos e noutros museus estes aspetos podem ser igualmente considerados. O apelo aos interesses das crianças e a temáticas relevantes é outro elemento importante, para captar a atenção das crianças e manter a sua participação ativa.

No ponto de vista dos Museus, em futuras exposições devem ser considerados: a) a adequação do espaço físico; b) a fácil adaptação de todas as atividades disponíveis, recorrendo a recursos quer humanos, quer materiais e c) a possibilidade de exploração das dinâmicas de

forma lúdica. Deste modo, educação lúdica é o ponto de partida para a aquisição de aprendizagens futuras (Maluf, 2009). A ludicidade das atividades que são parte integrante da exposição tornou-a numa mais-valia para, através do *roleplay*, ser possível chegar a todas as crianças, porque quando o grupo experienciava as atividades disponíveis incluía todas as crianças e era possível a participação de todas.

Do ponto de vista da inclusão e do acesso de todas as crianças à cultura e à arte, este trabalho indica que é, de facto, possível incluir todas as crianças nas atividades que se desenvolvem nos museus, sendo que estas têm que ser, por vezes, adaptadas recorrendo a estratégias que poderão facilitar este acesso. Conseguimos, ainda, concluir que a inclusão na sociedade também passa pelo acesso à cultura e à arte.

### *Limitações*

No decorrer desta investigação, foi realizada uma observação participante. Deste modo, desempenhei o duplo papel de investigadora e monitora. Neste sentido, foram efetuados registos de observação – notas de campo das atividades desenvolvidas e, a partir daí, foi delineado o plano de ação, tendo sempre em consideração o grupo e as problemáticas das crianças que acompanhava. Nesse processo observação e de intervenção, pude verificar a satisfação das crianças na sua participação e nos ganhos para o desenvolvimento desta experiência. Tal era visível na alegria com que terminavam a visita. Contudo, indico esta como uma limitação de estudo dado que os critérios de independência e de isenção não estão cumpridos. Teria sido importante, desenvolver uma metodologia de avaliação dos resultados.

A mais-valia deste projeto incidiu na adaptação do Museu e das suas atividades trazendo ensinamentos relevantes para continuar a perseguir o objetivo de inclusão social e educativa no Museu.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação*. Porto: Edições Asa.
- Bahia, S. (2009). *Criatividade: Conceitos, Necessidades e Intervenção*. Braga: Psiquilibrios.
- Bairrão, J. (2001). *Early Intervention in Portugal*. In Björck-Åkesson, E. & Grandlund, M. (Eds.) *Excellence in early childhood intervention: proceedings of the international research symposium. Excellence in early childhood intervention*. Mälardalen University, Västerås, Sweden, October 1999.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Beites, A. (2011). *O Museu Aberto e Comunicativo, fundamentação e proposta para estudos de públicos à luz de um enfoque info-comunicacional*. Tese de Mestrado, Universidade do Porto.
- Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Benjamin, W. (1984). *Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Summus Editorial.
- Brazelton, T. & Greenspan, S. (2002). *A Criança e o seu Mundo. Requisitos Essenciais para o Crescimento e Aprendizagem*. Barcarena: Editorial Presença.
- Candeias, A. (Coord.), (2009). *Escola Inclusiva: Contributos para a sua implementação*. Évora: CIEP – Centro de Investigação em Educação e Psicologia – Universidade de Évora.
- Correia, L. (1997). *Educação Inclusiva ou educação apropriada? In D. Rodrigues (org.), Educação e diferença*. Porto: Porto Editora.
- Correia, L. (2008). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais – Um guia para educadores e professores (2ª edição)*. Porto: Porto Editora.

- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M., Vieira, S. (2009). Investigação – Acção: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 13 (2), 355/379.
- Cury, A. (2006). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes – Como formar jovens felizes e inteligentes*. Cascais: Pergaminho.
- Decreto-lei nº3/2008, de 7 de janeiro – Apoios Especializados.
- Decreto-lei nº54/2018, de 6 de julho – Educação Inclusiva.
- Falk, J. & Dierking, L. (2000). *Learning From Museums: Visitor Experiences and the Making of Meaning*. Oxford: Altamira Press.
- Felgueiras, I. (1994). As Crianças com Necessidades Educativas Especiais: Como as Educar?. *Inovação*, 7, 1, 23-35.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O Inquérito, Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editor.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Hein, G. & Alexander, M. (1998). *Museums, Places of Learning*. Washington: American Association of Museums.
- Hood, M. (1983). *Staying Away: why people choose not to visit museums*. Washington: American Association of Museums.
- Hooper-Greenhill, E. (2007). *Museums and Education*. Abingdon: Taylor & Francis Ltd.
- Hooper-Greenhill, E. (2000). *Museums and the Interpretation of Visual Culture*. Abingdon: Taylor & Francis Ltd
- Jiménez, R. (1997). *Uma escola para todos: a integração escolar*. Lisboa: Dinalivro.
- Louro, C. (2001). *Acção Social na deficiência*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Magalhães, E. (2015). *A Utilização dos Jogos e das Brincadeiras na Educação Infantil para o Desenvolvimento da Criança*. São Paulo: Editora Brasiliense.

- Maluf, A. (2009). *Atividades Lúdicas para Educação Infantil: Conceitos, orientações e práticas*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Mil & Vila (1995). *As Formas do Silêncio*. Brasília: Camino.
- Mineiro, C. (2004). *Museus e Acessibilidade*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Mintz, A. (1994). *That's Edutainment!* Revista Museum News (Novembro/Dezembro), pp. 32 -35.
- Nielsen, B. Lee (1999). *Necessidades educativas especiais na sala de aula. Um guia para professores*. Porto: Porto Editora.
- Nogueira, F. & Andrade, L. (2007). *Inclusão Social de Pessoas com Deficiência no Mercado de Trabalho por meio da educação*, Portal dos Psicólogos. Brasil: Universidade Católica de Minas Gerais.
- O'Callahan, M. (1999). Prefácio. In: Burns, Y. & MacDonald, J. *Fisioterapia e Crescimento na Infância*. São Paulo: Santos Livraria Editora.
- Oliveira, G. (2012). *Museus e Escolas: os serviços educativos dos museus de arte moderna e contemporânea, um novo modo de comunicação e formação*. Tese de Doutoramento, Universidade de Évora.
- Oliveira, J.F. (2007). *Representações sobre a inserção na vida active de jovens com trissomia 21*. Departamento de Didática e Organização. Sevilha. Universidade de Sevilha.
- Papalia, S. & Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança*. Amadora: Editora McGraw- Hill de Portugal.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rief, S., & Heimburge, J. (2000). *Como Ensinar Todos os Alunos na Sala de Aula Inclusiva*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, D. (2003). *Perspectivas Sobre a Inclusão – Da Educação à Sociedade*. Porto: Porto Editora.

- Rossetini, M.C. (2015). *Crianças, Faz de conta e Cia*. Petrópolis: Vozes.
- Sandell & Souza (2010). *Museums, Prejudice and the Reframing of Difference*. Oxon: Routledge.
- Schwartz, S. (2003). *Construindo Blocos - Estratégias para incluir crianças com necessidades especiais em idade pré-escolar*. Porto: Porto Editora.
- Silva, S. (2006). Museus e públicos: estabelecer relações, construir saberes. *Turismo & Desenvolvimento*, n<sup>o</sup>5, pp. 161-167.
- Silveira, F. F. & Neves, M. M. B. J. (2006). Inclusão Escolar de Crianças com Deficiência Múltipla: Concepções dos Pais e dos Professores. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22 (1), pp. 79-88.
- Silverman, L. (2010). *The Social Work of Museums*. London: Routledge.
- Sousa, A. (2003). *Educação Pela Arte e Artes na Educação – Bases Psicopedagógicas*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Sousa M. J., & Baptista, C. S. (2011). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. Lisboa: Pactor.
- Sprinthall, A. & Sprinthall, C. (1993). *Psicologia Educacional – Uma Abordagem Desenvolvimentista*. Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Stainback, S. & Stainback, W. (1999). *Inclusão – Um guia para educadores*. Porto Alegre: Artmed.
- Tavares, J. & Alarcão, I. (1989). *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Unesco (1994): *Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na Área das Necessidades Educativas Especiais*. Instituto de Inovação Educacional (tradução da 1<sup>a</sup> edição, Unesco), Lisboa.
- UNESCO (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Instituto de Inovação Educacional (tradução da 1<sup>a</sup> edição, Unesco), Lisboa.

Vasconcelos, T. (1997). *Ao Redor da Mesa Grande*. Porto: Porto Editora.

Vieira, F. & Pereira, M. (2010). *Se houvera quem me ensinara ...* (4ª edição). Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.

Veiga, L., Dias, H., Lopes, A., & Silva, N. (2000). *Crianças com Necessidades Educativas Especiais - ideias sobre conceitos de ciências*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.

York, J., Kronberg, R. & Doyle, M.B. (1992). *Inclusion from social validity and functional outcome analysis Special Education*. Nova Iorque: Springer Publishing.

## Anexo A - Guiões de Entrevista

Diretora

**Temática-** A Adequação da Exposição “Viagem ao Meu Futuro”, patente no Museu das Crianças de Lisboa, a Crianças com Necessidades Educativas Especiais

**Objetivo Geral-** Conhecer a conceção da Diretora do Museu das Crianças face à visita de Crianças Necessidades Educativas Especiais

<b>DESIGNAÇÃO DOS BLOCOS TEMÁTICOS LEGITIMAÇÃO DA ENTREVISTA</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>FORMULÁRIO DAS QUESTÕES</b>
		Dar a informação sobre o trabalho de investigação desenvolvido, as suas finalidades e a metodologia utilizada, explicando que se pretende intervir.
	Legitimar a entrevista e motivar a entrevistada	Solicitar a colaboração da entrevistada e justificar a
	Garantir a confidencialidade	extrema importância da sua colaboração para o êxito do presente trabalho.
		Assegurar o caráter confidencial das informações prestadas.

**CARACTERIZAÇÃO E  
HISTÓRIA DO MUSEU  
DAS CRIANÇAS**

Recolher informações que permitam descrever o Museu e as atividades que lá se desenvolvem.

**1** – Descreva sucintamente o Museu das Crianças (objetivos, origens).

**2** - Nos últimos quatro anos coordena. Como tem vivido esse desafio?

**3** - Quais as principais dificuldades em gerir um espaço como o Museu?

**CRIANÇAS COM  
INCAPACIDADES OU  
PROBLEMAS DE  
DESNVOLVIMENTO  
QUE VISITAM O  
MUSEU**

Perceber qual a posição da entrevistada relativamente à adaptação do Museu para as crianças que o visitam, nomeadamente as Crianças com Necessidades Educativas Especiais.

**1** - São muitas as crianças que visitam o Museu?

**2** - E crianças com Necessidades Educativas Especiais também vos visitam?

**3** - O número de crianças com Necessidades Educativas Especiais que visitam o Museu, tem vindo, nos últimos anos a aumentar? Ou a diminuir?

**4** - Acha que o Museu está adequado para receber crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**5** - Como avalia a exposição “Viagem ao Meu Futuro” em termos de inclusão de crianças com Necessidades Educativas Especiais?

6 - Porquê?

7 – Haverá algum aspeto a melhorar?

**EXPECTATIVAS  
RELATIVAMENTE AO  
FUTURO DO MUSEU**

Identificar quais as expectativas da diretora em relação ao futuro Museu e à participação de Crianças com Necessidades Educativas Especiais nas atividades que lá se desenvolvem.

1 - Quais as suas preocupações relativas ao Museu?

2 - Quais as suas expectativas em relação ao futuro do Museu?

3 - Em relação à participação de crianças com Necessidades Educativas Especiais nas atividades desenvolvidas no museu, quais as suas perspetivas?

**FINALIZAÇÃO**

Finalizar a entrevista agradecendo e valorizando a colaboração da entrevistada para a elaboração desta investigação.

## Monitores

**Temática-** A Adequação e Necessidade de Adaptação da Exposição “Viagem ao Meu Futuro”, patente no Museu das Crianças de Lisboa, a Crianças Necessidades Educativas Especiais

**Objetivo Geral-** Conhecer a conceção dos Monitores/Guias do Museu das Crianças face ao trabalho que desenvolvem durante a visita de Crianças com Necessidades Educativas Especiais à exposição

<b>DESIGNAÇÃO DOS BLOCOS TEMÁTICOS LEGITIMAÇÃO DA ENTREVISTA</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>FORMULÁRIO DAS QUESTÕES</b>
	Legitimar a entrevista e motivar os entrevistados	Dar a informação sobre o trabalho de investigação desenvolvido, as suas finalidades e a metodologia utilizada, explicando que se pretende intervir.
	Garantir a confidencialidade	Solicitar a colaboração dos entrevistados e justificar a extrema importância da sua colaboração para o êxito do presente trabalho.
		Assegurar o caráter confidencial das informações prestadas.
<b>CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO DESENVOLVIDO</b>	Recolher informações relativas à situação	<b>1</b> - Há quanto tempo trabalha no Museu?

**PELOS MONITORES  
NO MUSEU DAS  
CRIANÇAS**

profissional dos  
monitores no Museu das  
Crianças

**2 -** Qual o cargo que ocupa no Museu?

**3 -** Quais as suas funções?

**CRIANÇAS COM  
NECESSIDADES  
EDUCATIVAS  
ESPECIAIS QUE  
VISITAM O MUSEU**

Averiguar qual a opinião dos entrevistados relativamente à adaptação do Museu para as crianças que o visitam, nomeadamente as Crianças com Necessidades Educativas Especiais, bem como as dificuldades sentidas no trabalho desenvolvido.

**1 -** E crianças com Necessidades Educativas Especiais também acompanha nas visitas?

**2 -** O número de crianças com Necessidades Educativas Especiais que acompanha tem vindo a aumentar ou a diminuir?

**3 -** Quais as principais dificuldades que sente quando acompanha crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**4 -** Acha que o espaço físico do Museu está adequado para receber crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**5 -** E a exposição “Viagem ao Meu Futuro” considera-a adequada para crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**6 -** Considera que o Museu tem potencial para receber

crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**EXPECTATIVAS  
RELATIVAMENTE  
AO FUTURO DO  
MUSEU**

Identificar quais as expectativas dos monitores em relação ao futuro Museu e à participação de Crianças com Necessidades Educativas Especiais nas atividades por si desenvolvidas.

**1** - O que acha que podia ser alterado, futuramente, para tornar o Museu num espaço inclusivo para todas as crianças?

**2** - Gostaria de trabalhar nesse Museu inclusivo?

**3** - Quais as suas expectativas em relação ao futuro do Museu?

**FINALIZAÇÃO**

Finalizar a entrevista agradecendo e valorizando a colaboração dos entrevistados para a elaboração desta investigação.

## **Anexo B - Transcrição das Entrevistas**

### **Diretora do Museu das Crianças**

**Entrevistadora (E):** Boa tarde. Esta entrevista está a ser realizada, como sabe, no âmbito de um projeto de investigação realizado por mim de forma a obter o grau de Mestre em Educação Especial.

Optei por desenvolver o projeto aqui, no Museu das Crianças por acreditar que poderá ser uma mais-valia para mim que desenvolvo a minha prática pedagógica diariamente no Museu, para os outros colegas e para o próprio Museu que eu, pessoalmente, gostava que fosse mais inclusivo.

**Entrevistadora (E):** Descreva sucintamente o Museu das Crianças (objetivos, origens).

**Diretora (D):** O Museu das Crianças é um lugar encantado que pretende marcar o coração de cada criança que nos visita. É uma associação sem fins lucrativos com vinte e quatro anos, por onde passam cerca de vinte mil crianças por ano. Temos como **missão** ser um local de referência nacional, no universo infantil, onde as crianças aprendem temas importantes complementares ao plano curricular, de forma divertida.

**E:** Nos últimos quatro anos coordena. Como tem vivido esse desafio?

**D:** O desafio de coordenar eu comparo ao de andar de helicóptero: guiar vários botões e manivelas que mantêm a aeronave no ar, sem ignorar todos os detalhes da paisagem.

**E:** Quais as principais dificuldades em gerir um espaço como o Museu?

**D:** As dificuldades têm a ver com falta de apoios ao projeto que nos impedem de sonhar mais alto e melhorar várias atividades no nosso museu e com tempo necessário para garantir a qualidade em todos os detalhes.

**E:** São muitas as crianças que visitam o Museu?

**D:** São cerca de vinte mil por ano, sendo que podem vir com a escola, com familiares e amigos em festas de anos e com a família aos fins de semana.

**E:** E crianças com Necessidades Educativas Especiais também vos visitam?

**D:** Temos algumas crianças com necessidades especiais em visitas de escolas inclusivas.

**E:** O número de crianças com Necessidades Educativas Especiais que visitam o Museu, tem vindo, nos últimos anos a aumentar? Ou a diminuir?

**D:** Penso que tem vindo a aumentar, mas são cada vez doenças/problemáticas menos visíveis como o autismo.

**E:** Acha que o Museu está adequado para receber crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**D:** Temos reunidas as condições para receber crianças com necessidades especiais e as cadeiras de rodas podem percorrer todo o percurso. Gostaríamos de desenvolver atividades novas ainda mais estimulantes para crianças com necessidades especiais, onde pudessem explorar a coordenação causa-efeito, mas para isso precisamos de uma parceria.

**E:** Como avalia a exposição “Viagem ao Meu Futuro” em termos de inclusão de crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**D:** A exposição “Viagem ao Meu Futuro” consegue incluir as crianças com necessidades especiais, com bastante ajuda dos Monitores do Museu, em várias atividades interativas.

**E:** Porquê?

**D:** Penso que os cenários atrativos e a simplicidade das atividades, como os teatros (*roleplay*), os bonecos, os instrumentos musicais entre outros, adaptam-se a todas as crianças e despertam a vontade de aprender.

**E:** Haverá algum aspeto a melhorar?

**D:** Quanto às visitas das crianças com necessidades especiais, há sempre muitos aspetos a melhorar. Eu acho que deveríamos desenvolver parcerias com empresas que tenham materiais com texturas e com carisma de desenvolvimento para que cada visita pudesse ser ainda mais útil e atrativa.

**E:** Quais as suas preocupações relativas ao Museu?

**D:** As maiores preocupações com o Museu prendem-se com a vontade de crescer cada vez mais e oferecer um sorriso cada vez mais útil e mais atrativo. Tal como dizia *Walt Disney* “enquanto houver imaginação há capacidade de melhorar”, por isso, nós queremos estar sempre na vanguarda da diversão e do conhecimento!

**E:** Quais as suas expetativas em relação ao futuro do Museu?

**D:** O futuro do Museu é cada vez mais importante em qualquer país hoje em dia. As crianças são o nosso futuro e oferecer um local de referência, onde podem aprender algo novo e brincar que é cada vez mais importante para combater o isolamento que vem das novas tecnologias.

Só uma última questão para terminar este agradável momento de partilha:

**E:** Em relação à participação de crianças com Necessidades Educativas Especiais nas atividades desenvolvidas no museu, quais as suas perspetivas?

**D:** O grande desafio de cada visita é identificar os pontos fortes e fracos de cada criança e agarrá-la nesta aventura até ao fim. Para isso, é muito importante trabalhar de coração aberto e com paixão, mas também com boas ferramentas de trabalho. A minha perspetiva é que o Museu consiga fazer alianças para garantir essas ferramentas adequadas a cada criança para, assim, construir um futuro melhor onde ninguém é excluído.

Obrigada pelo tempo que dispensou para a realização desta entrevista.

## **Monitores**

### **Monitor 1**

**Entrevistadora (E):** Boa tarde. Esta entrevista está a ser realizada, como sabe, no âmbito de um projeto de investigação realizado por mim de forma a obter o grau de Mestre em Educação Especial.

Optei por desenvolver o projeto aqui, no Museu das Crianças por acreditar que poderá ser uma mais-valia para mim que desenvolvo a minha prática pedagógica diariamente no Museu, para vocês colegas e para o próprio Museu que eu, pessoalmente, gostava que fosse mais inclusivo.

**E:** Há quanto tempo trabalha no Museu?

**Monitor 1 (M1):** 11 anos e 11 meses.

**E:** Qual o cargo que ocupa no Museu?

**M1:** Monitor.

**E:** Quais as suas funções?

**M1:** Recepção e acompanhamento de visitas de escolas, famílias e em âmbito de festas de aniversário e dinamização de atividades de tempos livres.

**E:** E crianças com Necessidades Educativas Especiais também acompanha nas visitas?

**M1:** Sim.

**E:** O número de crianças com Necessidades Educativas Especiais que acompanha tem vindo a aumentar ou a diminuir?

**M1:** Não tenho dados concretos, mas talvez tenha vindo a aumentar ligeiramente.

**E:** Quais as principais dificuldades que sente quando acompanha crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**M1:** Depende da NEE, mas as principais dificuldades prendem-se com a falta de informação sobre essas crianças por parte dos professores e a impossibilidade de certas crianças usufruírem do espaço na sua globalidade.

**E:** Acha que o espaço físico do Museu está adequado para receber crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**M1:** Não totalmente.

**E:** E a exposição “Viagem ao Meu Futuro” considera-a adequada para crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**M1:** Considero adequada, embora, como já referi, certos módulos não poderem ser totalmente explorados, por exemplo, por crianças com incapacidades motoras.

**E:** Considera que o Museu tem potencial para receber crianças Necessidades Educativas Especiais?

**M1:** Sem dúvida que sim, mas devidamente acompanhadas pelos professores e orientadas pelos monitores.

**E:** O que acha que podia ser alterado, futuramente, para tornar o Museu num espaço inclusivo para todas as crianças?

**M1:** Minimizar as barreiras físicas ao usufruto pleno por todas as crianças e tornar a Exposição mais estimulante para os sentidos.

**E:** Gostaria de trabalhar nesse Museu inclusivo?

**M1:** Sim.

**E:** Quais as suas expectativas em relação ao futuro do Museu?

**M1:** Não tenho expectativas. Tento que todas as crianças tirem o melhor partido da sua visita ao Museu.

Obrigada pelo tempo que dispensou para a realização desta entrevista.

## **Monitor 2**

**Entrevistadora (E):** Boa tarde. Esta entrevista está a ser realizada, como sabe, no âmbito de um projeto de investigação realizado por mim de forma a obter o grau de Mestre em Educação Especial.

Optei por desenvolver o projeto aqui, no Museu das Crianças por acreditar que poderá ser uma mais-valia para mim que desenvolvo a minha prática pedagógica diariamente no Museu, para vocês colegas e para o próprio Museu que eu, pessoalmente, gostava que fosse mais inclusivo.

**E:** Há quanto tempo trabalha no Museu?

**Monitor 2 (M2):** Há 2 anos e 4 meses.

**E:** Qual o cargo que ocupa no Museu?

**M2:** Monitora.

**E:** Quais as suas funções?

**M2:** Enquanto monitora, conduzo visitas guiadas a grupos de crianças à exposição em exibição no Museu, que podem ser no âmbito de visitas de estudo ou de festas de aniversário; no segundo caso, as minhas funções incluem também a preparação e gestão do momento do lanche e/ou outras atividades de animação, quando necessárias. Pontualmente, tive também funções de apoio à administração e de monitora de atividades de tempos livres, que incluíam a gestão de um grupo de crianças a tempo inteiro, desenvolvendo com elas atividades lúdico-pedagógicas e gerindo as suas rotinas no Museu.

**E:** E crianças com Necessidades Educativas Especiais também acompanha nas visitas?

**M2:** Sim.

**E:** O número de crianças com Necessidades Educativas Especiais que acompanha tem vindo a aumentar ou a diminuir?

**M2:** Considero que tem vindo a aumentar, não só por haver um maior à-vontade e uma maior intencionalidade (talvez pedagógica por parte das escolas e das famílias) de que crianças com dificuldades devam usufruir de atividades iguais às dos seus pares e que, ao mesmo tempo, as estimulem a diferentes níveis, como é o caso do Museu.

**E:** Quais as principais dificuldades que sente quando acompanha crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**M2:** Quando as suas limitações são de cariz motor, a principal dificuldade que possa sentir é em atividades mais físicas presentes em alguns espaços no Museu, como sejam escorregas, “varões” para descer, ou paredes de escalada; o Museu não tem escadas ou outros espaços que dificultem os acessos, pelo que esse problema não se coloca. Por outro lado, quando as crianças têm dificuldades de cariz cognitivo, emocional ou comportamental as minhas principais dificuldades enquanto monitora prendem-se com a gestão do seu comportamento enquanto inseridas num grupo de crianças “normativo”, isto é, poderia dedicar mais tempo e atenção àquela criança, adaptar a minha linguagem e o conteúdo do que digo às suas

necessidades em particular, mas tenho à minha responsabilidade outras 20 ou 30 crianças que exigem igualmente a minha atenção em termos de gestão da concentração e energia do grupo. Este tipo de dificuldades relaciona-se principalmente com o tipo de atividade que desenvolvemos no Museu, que tem tanto de lúdico, de experimental e de atividade física como tem de momentos de concentração e atenção em que as crianças estão sentadas a escutar e a interagir com o monitor.

**E:** Acha que o espaço físico do Museu está adequado para receber crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**M2:** Penso que há certos espaços que deveriam estar adaptados a crianças com dificuldades motoras expressivas, como as casas de banho (que são ambas não-adaptadas) como elementos de brincadeira dentro do Museu, como os escorregas ou varões que já referi. Por outro lado, há pequenos elementos que, não sendo um perigo flagrante para crianças sem problemas de desenvolvimento, podem sê-lo para aquelas com incapacidades quando não têm o acompanhamento de um adulto 100% do tempo (como o “labirinto” com o espelho, salas sem portas entre si e que permitem que a criança saia do espaço sozinha, alguns brinquedos menos protegidos...). Por outro lado, são elementos que com qualquer criança necessitariam de supervisão redobrada, pelo que talvez não sejam um problema grave mesmo para crianças com incapacidades.

**E:** E a exposição “Viagem ao Meu Futuro” considera-a adequada para crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**M2:** Esta exposição tem, a meu ver, um enorme potencial para crianças com dificuldades especialmente cognitivas/emocionais (ou de desenvolvimento global) por ser altamente estimulante e com uma intenção a ela associada. Ou seja, em termos de conteúdo, não só é relacionada com as profissões e com áreas de atividade, mas principalmente enfatiza os “talentos” diferentes de cada um, as capacidades, aptidões e gostos de cada criança, que podem diferir do amigo do lado, e essa diferença ser não só positiva, mas algo normal. Por outro lado, em termos de forma, está concebida para ser desfrutada através da brincadeira, do experimentar, da estimulação sensorial..., o que é visível em atividades como numa sala dedicada à música, numa “lagarta” cujo interior é revestido de diferentes materiais e apela ao

toque, numa sala que promove o *roleplay* e o *storytelling*, com roupas e acessórios para vestir, entre muitas outras. Para crianças com incapacidades ou dificuldades, julgo que esta estimulação sensorial e motora é particularmente uma mais-valia.

**E:** Considera que o Museu tem potencial para receber crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**M2:** Sim, pelo já descrito anteriormente.

**E:** O que acha que podia ser alterado, futuramente, para tornar o Museu num espaço inclusivo para todas as crianças?

**M2:** Além das adaptações ao espaço físico que já referi, uma outra sugestão é a de que ao *staff* seja proporcionada uma formação nesta área, no sentido de melhor estarmos preparados para atuar com crianças com incapacidades diversas e que exigem diferentes competências de nós. Possíveis alterações ao espaço físico ou aos materiais disponíveis no Museu podem ser recomendadas por nós mas não as podemos concretizar pessoalmente; mas ter a consciência de que não estamos profissionalmente preparados para fazer o melhor trabalho possível com estas crianças e de que podemos aprender mais para trabalhar de forma mais informada está ao nosso alcance, e era algo que poderíamos sugerir (por exemplo, há entidades dedicadas a esta matéria que organizam pequenas formações ou que nos pudessem proporcionar alguns materiais de aprendizagem).

**E:** Gostaria de trabalhar nesse Museu inclusivo?

**M2:** Sim, e considero que a integração de crianças com incapacidades ou dificuldades com mais frequência no Museu seria uma mais valia para a entidade, para os colaboradores e para todas as crianças.

**E:** Quais as suas expetativas em relação ao futuro do Museu?

**M2:** A de que o trabalho que o Museu desenvolve, nesta exposição ou noutras futuras, seja mais pedagogicamente e cientificamente informado, no sentido de saber que os conteúdos teóricos que pretendemos transmitir (independentemente do tema que trabalhem) estão conceptualizados, em termos de atividades e materiais, de forma adequada para todas as crianças, de diferentes faixas etárias e de diferentes tipos e graus de necessidades, o que inclui não só limitações físicas como de cariz cognitivo, emocional ou social.

Obrigada pelo tempo que dispensou para a realização desta entrevista.

### **Monitor 3**

**Entrevistadora (E):** Boa tarde. Esta entrevista está a ser realizada, como sabe, no âmbito de um projeto de investigação realizado por mim de forma a obter o grau de Mestre em Educação Especial.

Optei por desenvolver o projeto aqui, no Museu das Crianças por acreditar que poderá ser uma mais-valia para mim que desenvolvo a minha prática pedagógica diariamente no Museu, para vocês colegas e para o próprio Museu que eu, pessoalmente, gostava que fosse mais inclusivo.

**E:** Há quanto tempo trabalha no Museu?

**Monitor 3 (M3):** Há 2 anos e 11 meses.

**E:** Qual o cargo que ocupa no Museu?

**M3:** Monitora.

**E:** Quais as suas funções?

**M3:** Acompanhar cada grupo de crianças no decorrer da visita ao museu.

**E:** E crianças com Necessidades Educativas Especiais também acompanha nas visitas?

**M3:** Sim.

**E:** O número de crianças com Necessidades Educativas Especiais que acompanha tem vindo a aumentar ou a diminuir?

**M3:** A aumentar.

**E:** Quais as principais dificuldades que sente quando acompanha crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**M3:** Uma das principais dificuldades que sinto é conseguir que as crianças com NEE se sintam incluídas em todas as atividades que existem no decorrer da exposição, por exemplo crianças sem problemas de desenvolvimento facilmente ou com pouca ajuda conseguem descer um escorrega, mas as crianças com incapacidades motoras por exemplo, dificilmente o conseguem fazer.

**E:** Acha que o espaço físico do Museu está adequado para receber crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**M3:** No geral sim, no entanto tal como referi algumas salas/atividades não são adequadas para estas crianças.

**E:** E a exposição “Viagem ao Meu Futuro” considera-a adequada para crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**M3:** Ela é adequada, no entanto não significa que não devessem de existir alterações para que estas crianças pudessem da melhor forma se sentir incluídas, tal como todas as outras.

**E:** Considera que o Museu tem potencial para receber crianças com Necessidades Educativas Especiais?

**M3:** Sim tem potencial, mas seria necessário existirem alterações físicas para colmatar algumas falhas.

**E:** O que acha que podia ser alterado, futuramente, para tornar o Museu num espaço inclusivo para todas as crianças?

**M3:** Mais espaço para circular, acesso a todas as atividades de igual forma, ou seja, que tanto crianças ditas normais bem como as crianças com Necessidades Educativas Especiais conseguissem brincar com as mesmas atividades, que não fossem limitadas para nenhum dos grupos

**E:** Gostaria de trabalhar nesse Museu inclusivo?

**M3:** Sim, sem dúvida.

**E:** Quais as suas expectativas em relação ao futuro do Museu?

**M3:** Que se torne um museu inclusivo para que todas possam usufruir de igual modo do seu espaço e potencial.

Obrigada pelo tempo que dispensou para a realização desta entrevista.

## Anexo C - Notas de Campo

**Sexta-feira, 02.02.2018**

Hoje visita o Museu uma EB1/JI de carácter público. As crianças vêm de uma localidade pequena que se situa a cerca de uma hora de Lisboa. No entanto, em conversa com a professora titular de turma percebi que as crianças, no geral, são de um meio socioeconómico desfavorecido e raramente saem da aldeia (informação dada pela professora).

Ao Museu vêm todas as turmas do 1º ciclo, aproximadamente 75 crianças. São turmas de ensino inclusivo que têm também crianças com Necessidades Educativas Especiais, dado que carecem de Unidade de Apoio à Multi-deficiência (UAM).

As turmas têm, mais ou menos, 15 crianças cada uma e cada turma vai acompanhada por uma professora, uma auxiliar e um monitor do Museu.

A turma que acompanho é composta por crianças de 3º e 4º ano de escolaridade e idades compreendidas entre os 8 e os 13 anos. Cinco das crianças do grupo têm Necessidades Educativas Especiais de carácter, segundo a professora titular de turma, ligeiro a moderado.

O B. tem 13 anos e, aproximadamente, 1,60 metros. Despertou-me a atenção por ser mais alto do que as outras crianças e até mais alto do que alguns adultos. O B. tem um défice cognitivo notório nas suas intervenções e nas suas ações.

A explicação do que iria suceder e de como iria decorrer a visita foi dada. O B. olha para mim de olhos arregalados e boca aberta. Expliquei que a visita consistia em brincar em sete salas. Em cada sala sentam, eu explico as brincadeiras, brincam, arrumam e avançamos para a sala seguinte. O sistema é sempre este. No entanto, o B. desde a primeira sala até à última pergunta-me sempre “vamos mudar de sala?” “É agora que mudamos de sala?” “Olha, olha Marisa já podemos mudar de sala?”. O B esteve sempre tão ansioso com a mudança de sala que só usufruiu em pleno das brincadeiras, que o Museu tem para oferecer, na última sala e após perceber que não haveriam mais mudanças de sala. Aí sim mesmo com dificuldades conseguiu brincar mas sempre sozinho. Nunca procurou os pares ou os adultos. Fui a única que interagiu com ele na brincadeira e a resposta foi positiva: sorria e entregava-me as bandeiras que

multavam quem estivesse a fazer disparates. Por vezes o B. acertava e dizia quais as ações dignas de multa, mas grande parte das vezes não acertava.

Ao longo da visita notei que as atividades que exigiam mais das crianças a nível físico, como por exemplo, descer o escorrega eram as que mais dificuldades acarretavam para as mesmas. Esta constatação levou-me a uma atitude mais reflexiva e conclui que será necessária uma maior intervenção do adulto junto das crianças para tornar possível a realização desse género de atividades.

Terminada a visita ajudei o B. a vestir o casaco para ir embora e despedi-me dele.

## **Segunda-feira, 12.02.2018**

Hoje visita o Museu a M. A M. é uma miúda esperta. Tem 9 anos e é, segundo a Professora Titular de Turma, sobredotada. Está incluída numa turma de carácter público de ensino regular e não tem PEI nem CEI por vontade dos pais. Segundo a própria M., o seu problema é apenas físico, dado que não se mexe da cintura para baixo e por isso está numa cadeira de rodas (elétrica e que manuseia de forma completamente autónoma).

A turma da M. é composta por 24 crianças que são divididas em dois grupos de doze. Voluntario-me para fazer a visita ao grupo da M.

A M. é bem-disposta e, ainda antes de entrar para a visita, conta entusiasmada que já é a segunda vez que visita o Museu, pois esteve lá no ano passado com a escola antiga.

Ao entrar na exposição começo por explicar as regras e o modo como a atividade vai decorrer. Todas as crianças se demonstram bastante entusiasmadas exceto a M., cujo entusiasmo se foi desvanecendo à medida que eu falava no enorme escorrega que é a máquina do tempo que nos leva ao futuro.

As restantes crianças começam a brincar e a M. permanece imóvel na sua cadeira. Pergunto-lhe se quer ir ao escorrega, baixa o olhar e a Professora de Educação Especial olha para mim de soslaio. A pequena M. responde, de cabeça baixa, “eu sou muito grande e muito pesada. Não posso ir”. Peço-lhe que aguarde. Vou falar com a Professora Titular de Turma que me reencaminha para a Professora de Educação Especial. Pergunto se posso levar a M. para descer o escorrega. Ela responde-me “Ah se quiser fazer o esforço...”. Eu não hesito até porque o tempo continua a passar e vamos para a sala seguinte dentro de momentos.

Peço à M. que leve a sua cadeira até às escadas que dão acesso ao escorrega. Tiro-lhe o cinto e peço nela ao colo. Senti dificuldade no sentido em que eu meço 1,60m e a M. cerca de 1,30m. Subo as escadas com ela ao colo e sinto-a cada vez mais ansiosa e entusiasmada. Sento-me no escorrega, sento-a no meu colo e escorregamos as duas.

Coloco a M. na cadeira de rodas e vou falar com a Professora de Educação Especial. Pergunto se acha que a M. consegue descer sozinha no escorrega. Encolhe os ombros e diz “sim, consegue”. Pergunto se não se importa que eu leve novamente a M. ao topo do escorrega e que a sente para escorregar sozinha e se ela a recebe no fim do escorrega. Ela anui. O processo

de a levar ao cimo do escorrega é repetido. Enquanto desce a M. solta uma grande gargalhada. Todas as crianças já tinham brincado na sala, pelo que assim que a M. se senta na cadeira e a Professora de Educação Especial lhe coloca o cinto nós mudamos de sala.

Após a intervenção da investigadora no momento do escorrega foi possível constatar que com o apoio do adulto e empenho da criança com necessidades educativas especiais descer o escorrega pode ser difícil, mas é uma atividade possível de realizar.

Na segunda sala, após a explicação, e já com as outras crianças a brincar, a M. vem ter comigo e diz: “Marisa, tenho duas coisas para te dizer”. Eu respondo: “Aí sim? Então diz lá, M.”.

- “Primeiro na semana passada estive a falar com o nosso Presidente da República”.

- “Aí sim? E sabes como é que ele se chama?”.

- “Claro que sei! Marcelo Rebelo de Sousa e é professor”.

As outras crianças gritam entusiasmada “é verdade a M. foi a casa dele”. Ela confirma e mostra-se orgulhosa do seu feito, porque como a própria disse “só convidamos os nossos amigos mais especiais para irem a nossa casa”. Em conversa posterior com a Professora Titular de Turma percebo que se trata de uma medida a nível da inclusão que o governo pretende adotar e que leva o Presidente da República a visitar algumas escolas inclusivas e convida uma pequena amostra de alunos com Necessidades Educativas Especiais para beber um chá no Palácio de Belém e conversarem um bocadinho. Esta medida só é fazível com crianças com limitações a nível físico, mas cujas apetências cognitivas estão desenvolvidas dentro da normalidade.

- “E qual é a outra coisa que me querias dizer M.?”.

- “Ah que quero sair da cadeira e ir brincar”.

O meu olhar para ela é de espanto e a Professora Titular de Turma diz-me que ela não anda, mas que se arrasta para se deslocar. Pergunto-lhe se o podemos fazer e ela diz que sim. Ajudo a M. a sair da cadeira e coloco-a no chão. Ela brinca com os pares. Estes procuram-na muito e, sem qualquer intervenção do adulto. O mesmo acontece nas quatro salas seguintes, isto é, eu explico o que se vai passar em cada sala; as crianças brincam; arrumam; formam fila para passarmos para a sala seguinte.

Na sétima e última sala de atividades sei que haverá uma barreira física que a M. não consegue ultrapassar, dado que é necessário ficar de joelhos e a M. não é capaz.

Assim que chegamos à sala e ela vê a lagarta é notório o seu desconforto. A lagarta consiste num percurso labiríntico a ser percorrido de joelhos e utilizando o sentido do tato para tocar e perceber o que é que a lagarta comeu, por exemplo: cocos, pedras, fios, pregos, almofadas, ...

À medida que eu explico esta atividade a M. vai ficando cada vez mais triste. Eu sorrio e pisco-lhe o olho, mas não a consigo animar. As restantes crianças do grupo aproveitam o que a última sala da “Viagem ao Meu Futuro” tem para lhes oferecer, mas a M. não. Dirijo-me a ela e pergunto se ela gostava de ir conhecer o interior da lagarta. Ela sem levantar a cabeça responde “não sou capaz”. A Professora Titular de Turma está a preencher o relatório de satisfação da visita e eu não a interrompo. Vou ter com a Professora de Educação Especial e pergunto se posso levar a M. dentro da lagarta. Ela olha para mim espantada e pergunta “tem a certeza? É que ela é pesada e não se mexe, o que não ajuda nada”. Eu responde que se ela permitir eu quero experimentar. Ela acede. Vou novamente ter com a M. que se encontra um pouco distante de nós e pergunto se ela quer ir à lagarta. Ela responde contrariada “outra vez a mesma pergunta? Já me perguntaste isso e eu disse que não conseguia”. Eu retorqui, “mas eu vou contigo”. Ela olha para mim espantada e nada diz. Eu acrescento “vá lá, não sejas mariquinhas. Está quase na hora de vocês regressarem à escola”. Ela acede “vamos lá então”. Retiro-lhe o cinto, pego-a ao colo e coloco as suas pernas, cuidadosamente, à volta da minha cintura. Ponho-me de joelhos e sorrio porque não consigo deixar de pensar que ela parece uma cria de preguiça agarrada à mãe. Fazemos o caminho pelo interior da lagarta muito devagar de forma a que a M. consiga observar e tocar em tudo. O objetivo para as crianças é passar rapidamente pelo interior da lagarta e nesse curto espaço de tempo observar e tocar no maior número de coisas possível, mas eu queria, realmente, que a M. usufruísse da atividade em pleno. Ela sorriu o tempo todo e foi tão bom. Quando terminámos coloquei-a, novamente, na cadeira e pus o cinto. Ela esticou os bracinhos trémulos, abraçou-me e agradeceu. As outras crianças abeiraram-se de nós e perguntaram à M o que tinha visto/sentido. A visita foi dada assim por terminada.

**Quarta-feira, 21.03.2018**

Hoje as coisas no Museu estão calmas. Visita-nos apenas uma turma do 1º ano de escolaridade de um colégio particular. As crianças têm entre os cinco e os sete anos de idade e são vinte e quatro. No Museu, com a ajuda da Professora Titular de Turma dividimos o grupo em dois pequenos grupos de doze. Eu, por escolha meramente aleatória, acompanho o grupo do S. e o meu colega monitor o outro grupo.

Aparentemente nenhuma criança tem Necessidades Educativas Especiais, informação confirmada pela Professora Titular de Turma.

Assim que entramos na exposição eu começo a explicar como se processa a atividade noto que o S. faz um movimento constante, balança-se para a frente e para trás sempre ao mesmo ritmo. Quando digo ao grupo para ir brincar, o S. permanece sentado a dar continuidade ao movimento de balanço ininterruptamente.

Ao tocar no S. digo-lhe: “S. podes ir brincar”. Ele assusta-se, mas levanta-se e vai brincar. Pensei que não tinha ouvido nada do que eu dissera, mas o S. seguiu todas as minhas indicações. Após arrumarmos a sala passamos para a segunda sala da atividade. O movimento repetitivo sucedesse no decorrer de toda a explicação. Quando as crianças vão brincar o S. permanece, mais uma vez, sentado. Desta vez, quando me aproximo, ele pergunta-me “quantas salas são?” e eu respondo “sete. A anterior, esta e mais cinco”. Ele pergunta-me quais são. Eu respondo: a da música, da história, cidade, bombeiros e da natureza. Ele encolhe os ombros e vai brincar. Na sala seguinte (da história) o seu comportamento é semelhante ao das demais crianças. No entanto, na sala da música o seu comportamento alterou-se bastante: sentou-se de pernas cruzadas e quando percebeu que íamos tocar instrumentos musicais tapou os ouvidos com as mãos e começou a balançar-se repetidamente e a dizer “eu não gosto de barulho, eu não quero, eu não gosto”. A Professora Titular de Turma revirou os olhos e ignorou o sucedido. Como eu estava a dinamizar a atividade não consegui aliviar o mal-estar do S. Limitei-me a tentar fazer a atividade o mais depressa possível para passarmos para a sala seguinte – a cidade.

Este momento decorrido na sala da inteligência da música levou-me a refletir, enquanto investigadora, que para crianças com determinadas dificuldades a música, o barulho podem ser uma barreira à realização da atividade. Em alternativa à utilização em simultâneo de todos

os instrumentos musicais disponíveis na sala, julgo pertinente a utilização de apenas um instrumento de cada vez ou de um só tipo de instrumentos, por exemplo, cinco maracas.

Aquando a passagem para a nova sala expliquei quais as brincadeiras que podiam fazer e deixei-os brincar. O S. permaneceu, como habitual no decorrer da visita, sentado. Fui ter com ele e perguntei se ele estava bem e pedi desculpa por termos feito tanto barulho na sala anterior mas que a sala da música era mesmo assim. Achei que ele não tinha ouvido, dado que me interrompe para perguntar, mais uma vez, quantas salas nos faltam visitar e quais são. Respondo que faltam mais duas, que estamos na cidade e que nos faltam a dos bombeiros e a da natureza. Ele levanta-se, abraça-me e diz “Oh, adoro bombeiros. Marisa é a minha melhor amiga”. O S. vai brincar. De salientar que brinca sempre sozinho. Aproximo-me da Professora Titular de Turma e tento fala sobre o S.. Ela olha-me de soslaio e, entredentes, diz-me que ele é “esquisito”, que é novo no colégio e que ainda não o conhece bem.

A sala que se segue é a dos bombeiros. Pela primeira vez desde que começou a visita o S. olha para mim com atenção e de olhos arregalados. Tento acelerar a explicação para poderem brincar. Antes de começar a brincar o S. veio perguntar-me “quantas salas faltam? Quais são?”. Eu respondo “falta só uma, a da natureza”. Ele responde “eu gosto de natureza. O S. gosta de natureza” e vai soltando pequenas gargalhadas e repetindo que gosta de natureza, enquanto brinca.

Peço às crianças que arrumem para irmos para a última sala. O S. fica contrariado. Não arruma nem forma fila. Dou-lhe a mão para me acompanhar no início da fila. Não recusa e vem comigo. Na última sala o comportamento repete-se: movimentos de balanço e completamente alheio ao que se passa à sua volta. Todos brincam exceto o S. que permanece sentado. Só brinca quando lhe digo especificamente que é para brincar.

A visita termina e o S. abraça-me com força e sorri sem dizer uma palavra.

**Quarta-feira, 04.04.2018**

Hoje recebemos no Museu um grupo muito especial de crianças. Visitou-nos um grupo de seis crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 14 anos que vêm do Centro de Reabilitação de Alcoitão. Dessas crianças duas andam de cadeira de rodas (uma manual e uma elétrica) e as outras quatro andam. No entanto, uma das crianças que anda tem próteses, talas nas pernas que não lhe permitem ser completamente autónoma.

Só está um pequeno grupo de outra escola a visitar o Museu com outro monitor. Está tudo calmo.

Antes de entrar para a visita, contrariamente ao que costuma acontecer, sento-me com as crianças no átrio do Museu e depois de nos apresentarmos falo um bocadinho sobre o Museu e a sua missão. As três adultas que nos acompanham não se sentam nem se apresentam. Não insisto para que façam qualquer uma das coisas.

Por causa da visita que já havia começado anteriormente temos que iniciar a nossa visita na quarta sala. Assim, a ordem pela qual visitaremos as salas é: quarta, quinta, sexta, sétima, primeira, segunda e terceira. Não me parece mal dado que terminaremos na sala da música que, creio, será uma ótima forma de finalizar a atividade. Começamos na sala da inteligência das palavras. Nesta é objetivo que as crianças construam uma história recorrendo apenas a imagens, mas sem ver as imagens selecionada pelos pares. É uma sequência de catorze imagens, o que permite a todas as crianças participar mais do que uma vez. O J. tem 14 anos e, chama-me a atenção, porque é enorme, tem, à vontade, mais vinte centímetros do que eu. Tem uma distrofia muscular, segundo a técnica de saúde que os acompanha, que não lhe permite andar. Diz estar aborrecido e espreguiça-se e boceja vezes sem conta e de forma ruidosa. Explico a atividade e peço a uma criança de cada vez que vá procurando e escolhendo a imagem que lhe agrada. O J. recusa. Finjo não me importar e percebo que fica incomodado com a minha indiferença. Passado um bocado pergunto novamente se quer participar. O J. acede e executa sem dificuldade a tarefa que lhe é proposta. Tenta não demonstrar que gostou da atividade. Aquando a elaboração da história, tendo por base as imagens selecionadas pelas crianças o J. participa de forma bastante ativa mas pouco segura, dado que inicia sempre a sua intervenção com “eu não sei se pode ser mas...”.

Ao passar para a sala seguinte o nível de entusiasmo do M. desce drasticamente. As atividades consistem em brincar ao faz-de-conta numa cozinha, num café, num supermercado ou enquanto polícia ou bombeiro. Assim que termino a explicação da sala e as crianças começam a brincar o J. diz “isto é uma seca”. Faço-me de desentendida e pergunto “o que é que é uma seca? Eu? O Museu?”. O J. fica atrapalhado e apressa-se a responder “não tu não nem o Museu. Esta sala é que é uma seca”. Sorrio e pergunto se ele quer experimentar ser polícia que eu vou com ele e prometo que será divertido. O J. está tão entediado que acaba por aceder. Tento colocar-lhe o chapéu de polícia na sua cabeça mas é impossível, o chapéu é muito pequeno para a sua cabeça. O casaco também é impossível de vestir. Opto por colocar apenas o distintivo. O J. insiste em tentar colocar o pequeno chapéu na sua cabeça. Não consegue. Ri à gargalhada e pergunta se pode só ficar com ele na mão. Acedo.

Juntos vamos até à plataforma onde é desejável que o polícia exerça as suas funções. A distância entre a cadeira de rodas e os orifícios onde as multas devem ser colocadas é grande. Começo a ver uma tristeza no olhar do J. O J. diz “acho que já não quero ser polícia. É difícil”. Respondo que “não é difícil se tivermos imaginação. Basta delegarmos funções”. O J. olha para mim um pouco incrédulo. Eu sugiro que ele segure a caixa das multas com as mãos sob o seu colo e que observe quem são os cidadãos que estão a fazer disparates dignos de multa, que os descreva e que me dê a multa para colocar no personagem correspondente. O J. concorda e a atividade decorre na perfeição. Findas as multas peço que todas as crianças, em equipa, arrumem a sala e organizem uma fila para avançarmos para a sala seguinte.

Chegados à sala da inteligência física percebo que haverão algumas barreiras. O grande atrativo desta sala é o vermelhão. O vermelhão é uma estrutura enorme possível de subir pelas escadas ou pela parede de escalada. A descida é feita pelo escorrega ou por um varão. Esta atividade poderá ser feita apenas por três das crianças do grupo, dado que as duas crianças que andam de cadeira de rodas e a que tem próteses nas pernas não conseguem subir. Enquanto investigadora constato que há barreiras físicas intransponíveis no museu.

Na sala há também uma roda das cores, na qual as crianças têm que escolher de que cor pintariam as diferentes divisões de uma casa, uma mesa com legos para fazerem construções e um quadro interativo com o programa *Microsoft Paint* para desenhar com os dedos. As crianças que não vão ao vermelhão ficam muito entusiasmadas com o quadro interativo. O J. tem mesmo talento para o desenho e por ser o maior e o mais velho julga que pode dar ordens

aos outros. Ordena às crianças que estão no quadro que vão para os legos ou para a roda das cores. As outras crianças, resignadas, obedecem.

O J. faz um lindo desenho, seleciona cores com muito bom gosto.

Após o tempo estipulado para permanência naquela sala peço que arrumem a sala e formem fila. As crianças que estão nos legos e na roda das cores formam, de imediato, fila. As que estão no vermelhão demoram um pouco mais. O J. é o último a juntar-se a nós.

A passagem para a próxima sala é feita por um labirinto. Na sala da inteligência da natureza está uma grande lagarta. É objetivo que as crianças passem por dentro da lagarta e sintam as diferentes texturas que lá se encontram. Para esta atividade é necessário que as crianças se coloquem de joelhos para fazer o percurso. Pergunto às responsáveis pelas crianças se a menina que tem próteses nas pernas pode/consegue fazer a atividade. Dizem-me que sim, pois as próteses são dos joelhos para baixo. Quatro crianças fazem o percurso pela lagarta e vão sentar-se no tapete. Digo aos outros dois meninos que venham comigo e levo-os ao esquema do interior da lagarta que está afixado na parede. Peço que observem e lhe mexam (habitualmente até tento que passe despercebida para não “estragar” a surpresa do que vão ver). Na abordagem de hoje, com este grupo específico, enquanto investigadora, considerei pertinente, após mostrar a réplica da lagarta, dizer que iam ser jornalistas e que quando as quatro crianças saíssem de dentro da lagarta e se sentassem no tapete eles iriam entrevistar dois colegas cada um para perguntar o que tinham visto/sentido e podiam, ainda, complementar ou corrigir a informação dada pelos colegas. O J. entusiasma-se muito e encarna mesmo a personagem. Dá gosto ver. Enquanto investigadora constato que a atividade com estas adaptações correu bem e possibilitou a participação de todas as crianças. Depois das entrevistas, formamos fila e entramos novamente no armário mágico para visitarmos a primeira sala da exposição, dado que foi necessário alterar a ordem da visita por estar outro grupo de outra escola a visitar o Museu em simultâneo.

Na primeira sala há um grande escorrega, a máquina do tempo. Sem sombra de dúvida que é uma enorme barreira física. A explicação é começada por quais as diferentes atividades que podemos fazer na sala. Juntos fazemos a roda das profissões e passamos à máquina do tempo. As três crianças que conseguem descem pelo escorrega. Às outras três que não conseguem ir ao escorrega dou a oportunidade de irem à prisão. Basta que para isso se arrastem até ao interior da mesma. As crianças, no geral, adoram a prisão pela conotação negativa que tem. O

J. não foi exceção, só dizia “vou preso, sou ladrão” ou “vejam, vejam estou preso”. O tempo continua a passar e temos que avançar para a sala seguinte. Noto um pouco de cansaço no grupo. Uma das crianças teve fisioterapia de manhã, pelo que está, verdadeiramente, cansada. Nesta sala permito ao grupo brincar ao faz-de-conta de uma situação que conhecem bem: enfermeiros, dentistas, bombeiros, pediatras, etc.

Arrumada a sala e formada a fila passamos para a sala da música, a nossa última sala. Ao grupo pergunto se gostaram de visitar o Museu, respondem que sim. Eu agradeço e digo que também gostei muito de os conhecer. Nesta sala, por, enquanto investigadora, considerar pertinente uso uma abordagem diferente da que habitualmente utilizo. A atividade inicia com uma demonstração de todos os instrumentos disponíveis, explicando como se chamam, como se tocam e peço a cada criança que vá buscar um à sua escolha. Para culminar a atividade peço que escolham uma música que gostam para tocarmos e cantarmos. O grupo retrai-se e apresso-me a dizer que basta o refrão. Uma menina diz que gosta muito da música “A Nossa Vez”, dos Calema. Eu acedo e digo-lhe que também gosto e pergunto se todos conhecem, respondem que sim e sugiro que toquemos e cantemos todos juntos. Enquanto investigadora percebo que a ideia de união os tranquiliza: cantamos, tocamos e corre bem. Assim que terminamos, um silêncio ensurdecedor instala-se na sala. Para terminar peço que sugiram mais uma canção para terminarmos a visita. Desafio o J. que diz envergonhado que gosta da música “*Perfect*”, do Ed Sheeran. Não há forma mais perfeita de terminar esta visita: cantamos e tocamos.

No final, o J. diz que “foi a melhor visita de sempre” e pergunta se me pode dar um abraço. Responde que sim, baixo-me e abraçamo-nos. As outras crianças também pedem um abraço, dou um beijinho e um abraço a cada uma das crianças, ajudo-as a vestir o casaco e despedem-se com a promessa de regresso.

Nesta visita e após reflexão foi possível constatar que fazendo algumas adaptações nas atividades disponíveis na exposição “Viagem ao Meu Futuro” é possível que as crianças com necessidades educativas especiais também usufruam delas.

**Sexta-feira, 11.05.2018**

Hoje vem visitar o Museu uma escola pública com cento e vinte crianças, dezassete das quais com Necessidades Educativas Especiais.

Após a sua chegada e o reboiço inicial estão organizados seis grupos de vinte crianças prontos a entrar para a atividade. No grupo que acompanho estão duas meninas com Necessidades Educativas Especiais: A C. que vem de outro país e tem tetraplegia, sendo bastante acompanhada e a E. A E. tem trissomia 21. Somos o último grupo a entrar para a exposição o que significa que todos os grupos estão nas salas à nossa frente. Ficamos, portanto, na primeira sala e faremos o percurso pela ordem mais desejável: princípio, meio e fim. Chegados à primeira sala começo por explicar as regras da visita e as atividades que podem fazer. A C. dormita na sua cadeira. Parece-me estar bastante cansada. A E. está atenta ao que digo, à semelhança das restantes crianças.

Quando dou autorização às crianças para que brinquem peço aos dois professores (um titular de turma e um de educação especial) que estejam atentos e ajudem, se necessário, as crianças a descer o escorrega porque eu irei para o cimo da “máquina do tempo” para ter a certeza que as crianças descem o escorrega ou varão em segurança. A E. vem ter comigo, dá-me a mão e, muito sorridente, diz “eu quero”. Faço-me desentendida e pergunto “queres o quê E.?” e ela respondeu “quero descer no escorrega”. Vai com vontade, mas um pouco inseguro. Desce uma e outra e outra vez. Para terminar peço que arrumem e formem fila para avançarmos para a sala seguinte. A C. vai no fim da fila com o professor de Educação Especial e esboça um ligeiro sorriso. A E. vem dar-me a mão e diz “vou contigo”. Não me oponho, dou-lhe a mão e avançamos para a sala seguinte. As crianças mostram-se entusiasmadas com a sala da inteligência física. Trata-se da inteligência de quem cuida e se preocupa com o nosso corpo. Nesta sala, as crianças podem brincar ao faz-de-conta, podendo ser: pediatras, dentistas, bombeiros, enfermeiros ou cardiologistas. Noto que a E. está muito à vontade neste género de brincadeira. Brinca bastante com os pares até que um colega lhe tira o bebé de brincar que estava doente. Ela chora bastante e lamenta-se. Lamuria-se até formarmos fila para ir para a sala seguinte e só nesse momento demonstra algum alívio e acaba por se calar. Durante a brincadeira vou ter com a C. Levo um outro bebé e um termómetro de brincar. Estendo-lhos e pergunto se quer medir a febre ao bebé. Ela sorri, coloco-lhe o bebé no colo, torna a sorrir, mas não se mexe. Já tinha passado o tempo estipulado para mudarmos de sala. Formamos fila e avançamos para a sala seguinte, da inteligência da música. É objetivo dessa sala formar uma

banda, cantando e utilizando os instrumentos musicais. A C. não reage, mas a E. mostra-se bastante entusiasmada, escolheu, inclusivamente, uma maraca para tocar. Até ao momento foi a sala que teve mais adeptos. Enquanto investigadora julguei pertinente nesta sala demorarmos mais do que era inicialmente previsto pelo que a sala seguinte foi feita com alguma celeridade. Na sala das histórias a C. adormece profundamente. O professor titular de turma diz-me que ela teve natação de manhã e está, por isso, francamente cansada. Também é frequente adormecer na escola. Terminada a atividade formamos fila e passamos para a sala seguinte, a cidade – sala da inteligência das pessoas.

Nesta sala, a C. acorda, mas continua cansada, seguro-lhe a mão e percebo que está gelada. Em conversa com o professor titular de turma pergunto-lhe se não tem uma manta para a tapar. Não tem. Após verificar que a criança está, realmente, gelada coloca o seu próprio casaco sobre ela. A E. está entusiasmadíssima pois esta sala tem muitas atividades e muitos estímulos. Nesta sala explico que podem brincar muito ao faz-de-conta: podem ser bombeiros, polícias, padeiros, pasteleiros, funcionários de café, funcionários de supermercado (caixa ou repositor) ou ainda irem ao supermercado com o carrinho ou com o cesto. O grupo inicia a brincadeira. A C. continua imóvel na sua cadeira, pelo que lhe levo o cesto vazio e pergunto se quer ir comigo ao supermercado. Ela sorri. Coloco-lhe o cesto no colo e empurro a sua cadeira até ao expositor da fruta e dos legumes. Conforme vou mostrando ela sorri quando gosta e não se manifesta quando não gosta (informação confirmada pelo professor de educação especial), vou colocando tudo no cesto e dirigimo-nos à caixa para pagar. A C. lança um longo suspiro, está tão cansada que não vai ser possível continuar com a brincadeira, digo-lhe que vou arrumar e ela sorri.

Assim que acabei de explicar as diferentes atividades a E. sentou-se na mesinha do café e esperou que alguma criança a fosse servir. Como nenhuma criança o faz, começa a gritar “estou aqui”. As outras crianças ignoram e ela grita ainda mais alto “quero comer”. Uma menina assusta-se com os gritos da E. e toda a tremer coloca um bolinho no prato e serve-lhe. A E. agradece. Após a minha indicação o grupo que arruma a sala e forma fila para avançarmos para a penúltima sala.

A penúltima sala é a da inteligência dos números. Nesta sala as crianças podem fazer um desenho com os dedos num quadro interativo, escolher na roda das cores de que cor pintariam a sua casa e têm também o quartel dos bombeiros onde podem subir uma parede de escalada e descer por um escorrega ou por um varão.

A C. continua a dormir. Vai suspirando de vez em quando. A E. brinca entusiasmada no quartel dos bombeiros. Sobe sempre pela escada e desce sempre pelo escorrega. Não brinca em mais nenhuma das atividades disponíveis na sala.

Após o tempo de brincadeira, peço às crianças que formem fila para avançarmos para a sala seguinte. Avançamos para a sala da inteligência da natureza. É objetivo desta sala entrar para uma lagarta, perceber o que é que ela comeu e falar sobre o que viram/sentiram tendo em consideração as diferentes texturas. A C. continua a dormir e a E. recusa-se a fazer a atividade. Diz ter medo.

Enquanto investigadora constato que o medo também pode ser uma barreira à realização das atividades, quer seja para uma criança com necessidades educativas especiais ou não.

A visita é terminada e ajudo as crianças a vestirem os casacos. A C. acorda, mas mantém-se sonolenta. A E. despede-se de mim com um abraço e um sorriso.

## Anexo D – Análise de Conteúdo das Notas de Campo

Contexto – As notas de campo foram tiradas nos dias 2 e 12 de fevereiro, 21 de março, 4 de abril e 11 de maio de 2018, no decorrer das visitas de estudo das escolas à exposição interativa “Viagem ao Meu Futuro”, patente no Museu das Crianças de Lisboa.

Comportamentos dos Observados – Qualquer dos observados mostrou-se mais interessado nas atividades que a exposição permite desenvolver do que nas notas de campo que, enquanto investigadora, realizei.

Categorias	Sub – Categorias	Unidades de Registo	Frequência
Tipos de Instituições que visitam o Museu	Público	Visita o Museu uma EB1/JI de carácter público.	3
	Privado	Visita-nos apenas uma turma do 1º ano de escolaridade de um colégio particular.	2
Tipos de Ensino	Regular	São turmas de ensino inclusivo.	4

Tipo de NEE	Especial	Visitou-nos um grupo (...) do Centro de Reabilitação.	1
	Ligeiro	Têm NEE de caráter, segundo a professora	4
	Moderado	titular de turma, ligeiro a moderado.	
Contato direto com a investigadora	Grave	Sendo bastante acompanhada.	1
	Sim	Pergunta-me sempre.	4
	Não		0

Dificuldades  
sentidas no  
decorrer da  
exposição

Escorrega	Descer o escorrega era o que mais dificuldades acarretava.	4
Labirinto Lagarta	Percurso labiríntico a ser percorrido de joelhos.	2
Tocar instrumentos musicais	Eu não gosto de barulho, eu não quero, eu não gosto.	1
Subir escadas ou parede de escalada	Possível de subir pelas escadas ou pela parede de escalada.	1

Brinca com os pares

Sim

Ela brinca com os pares.

3

Não

Nunca procurou os pares.

2

Anexo E – Guião da Exposição Interativa “Viagem ao Meu Futuro”



**VENHA FAZER ESTA VIAGEM MÁGICA CONNOSCO!**



## **ATREVA-SE!**

**VENHA ESCORREGAR NO FUTURO NA NOSSA CAPSULA DO TEMPO, PARA DEPOIS EXPLORAR OS TALENTOS NATURAIS DAS CRIANÇAS ATRAVÉS DAS SUAS BRINCADEIRAS PREFERIDAS!**

**UMA VEZ IDENTIFICADA A APTIDÃO PARA UMA DAS ÁREAS DE INTELIGÊNCIA, VAMOS EXPLORAR O MUNDO DAS PROFISSÕES!**

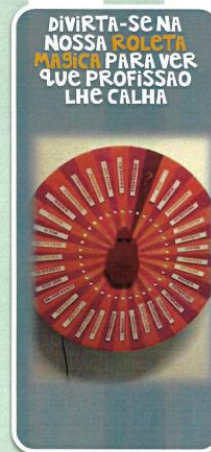
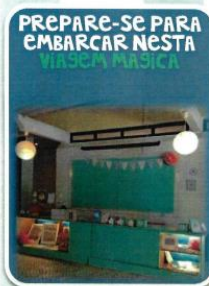
**SENTAR-SE NA NOSSA CADEIRA ESPECIAL, E SER ATENDIDO PELO SEU DENTISTA PREFERIDO,  
GUIAR A AMBULANCIA DE TAMANHO REAL,  
TREINAR COM A BOLA DE ESPUMA NO NOSSO CESTO DE BASKET,  
CONTAR UMA HISTÓRIA CRIADA PELAS CRIANÇAS,  
MASCARAR-SE NO NOSSO CAMARIM E FAZER UM TEATRO,  
COZINHAR PARA SERVIR AS DELÍCIAS NO NOSSO RESTAURANTE,  
DESCOBRIR UMA OBRA DE ENGENHARIA,  
AVENTURAR-SE A DESCOBRIR O INTERIOR DA DONA LAGARTA,  
EXPLORAR A LUA E AS ESTRELAS NO NOSSO TELESCOPIO  
OU SER CIENTISTA POR UM BOCADINHO  
SÃO ALGUMAS DAS EXPERIÊNCIAS QUE PODE VIVER NO NOSSO MUSEU!**

**BASTA TRAZER BOA DISPOSIÇÃO! BONS MOMENTOS GARANTIDOS!**



## **O MUSEU DAS CRIANÇAS**

**VER, TOCAR, DESCOBRIR, BRINCAR E APRENDER**





# O MUSEU DAS CRIANÇAS

VER, TOCAR, DESCOBRIR, BRINCAR E APRENDER

DESCUBRA O **MUNDO DAS PROFISSOES**,  
NA SALA DA INTELIGENCIA FISICA, NA SELVA DAS PALAVRAS,  
NA PRACA DAS ESTRELAS, NA RUA DA INTELIGENCIA DAS PESSOAS, NA  
PRACETA DOS NUMEROS E NA PRACA DA NATUREZA!



VIAGEM  
ao meu  
FUTURO!



# O MUSEU DAS CRIANÇAS

VER, TOCAR, DESCOBRIR, BRINCAR E APRENDER

SABEMOS QUE AS NOSSAS CRIANÇAS CRESCEM NUM **MUNDO INTERATIVO, DINÂMICO E COM MUITA INFORMAÇÃO ACESSÍVEL**, E POR ISSO PROPORCIONAMOS UMA VISITA COM TODAS AS CARACTERÍSTICAS QUE CONSIDERAMOS IMPORTANTES PARA A **APRENDIZAGEM E PARA CRIAR OS LÍDERES DE AMANHÃ**, SEMPRE RECHEADA DE **DIVERSÃO!**



VIAGEM  
ao meu  
FUTURO!



## O MUSEU DAS CRIANÇAS

VER, TOCAR, DESCOBRIR, BRINCAR E APRENDER

### Comunicação

*Promovemos a linguagem em cada atividade, levando as crianças a expressarem o seu ponto de vista perante o grupo.*



## O MUSEU DAS CRIANÇAS

VER, TOCAR, DESCOBRIR, BRINCAR E APRENDER

### Auto Controle

*Cada criança tem a liberdade de decidir quanto tempo gasta em cada atividade, dentro de cada sala, para aumentar a sua capacidade de auto gestão.*





## O MUSEU DAS CRIANÇAS

VER, TOCAR, DESCOBRIR, BRINCAR E APRENDER

### Resolução de problemas

*Cada criança vai encontrando ao longo da exposição, alguns problemas que terá de resolver!*



## O MUSEU DAS CRIANÇAS

VER, TOCAR, DESCOBRIR, BRINCAR E APRENDER

### Tecnologia

*Hoje em dia é essencial ter um ponto tecnológico na exposição!*





## O MUSEU DAS CRIANÇAS

VER, TOCAR, DESCOBRIR, BRINCAR E APRENDER

### Colaboração

Promovemos a colaboração entre crianças para o sucesso da atividade porque o **trabalho de grupo** é muito importante para o futuro deles!



VIAGEM  
ao  
mês  
FUTURO!



## O MUSEU DAS CRIANÇAS

VER, TOCAR, DESCOBRIR, BRINCAR E APRENDER

### Conhecimento

Adequamos os **conteúdos pedagógicos** à idade do grupo, e tentamos ensinar brincando, deixando-os tocar e explorar cada atividade e cada profissão aqui representada!



VIAGEM  
ao  
mês  
FUTURO!



## **PUBLICO:**

**IDEAL PARA CRIANCAS DOS 3 ANOS | 11 ANOS  
E OBRIGATORIO PARA ADULTOS EM BUSCA DE DIVERSAO**

## **HORARIO**

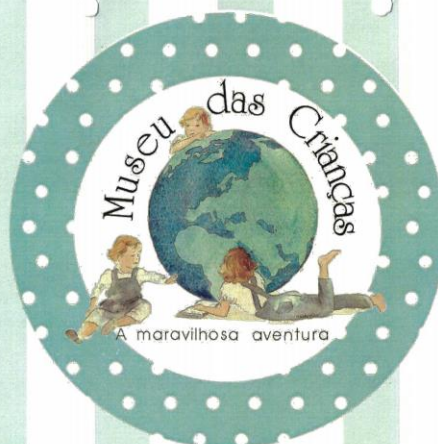
**DIAS DE SEMANA: DAS 10.00 AS 18.00 COM MARCACAO**

**FIINS DE SEMANA: DAS 10.00 AS 18.00 COM VISITA GUIADA AS 11.00, 14.30  
E 16.00**

## **PRECOS**

**4.5 EUROS POR PESSOA - CRIANCA OU ADULTO  
GRATIS PARA CRIANCAS COM MENOS 3 ANOS**

**TAMBEM FAZEMOS FESTAS DE ANOS, e ATL NAS FERIAS ESCOLARES**

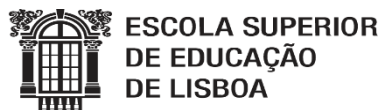


**ESPERAMOS POR SI NESTA AVENTURA AO  
FUTURO!**

**OBRIGADO**



## Anexo F – Consentimento Informado dos Participantes



### Consentimento informado

Eu,  (nome)

concordo em participar no trabalho a realizar por Marisa Alexandra Gomes Ferreira no âmbito do Mestrado de Educação Especial – intitulado “Projeto de adaptação do Museu ao uso de crianças com NEE”.

A Marisa compromete-se a:

- Promover em todo o processo de investigação os direitos da família e da criança;
- Assegurar e garantir a promoção dos princípios éticos da Intervenção Precoce.

No âmbito da minha participação

- Compreendo que tenho o direito de colocar, agora ou durante o desenvolvimento da investigação, qualquer questão acerca da mesma;
- Informaram-me acerca dos procedimentos metodológicos;
- Compreendi que o meu anonimato será sempre protegido e que nenhum nome ou informação que por mim fornecida será divulgada sem o meu conhecimento ou consentimento;
- Compreendo que as gravações recolhidas não podem ser divulgadas ou usadas para o outro fim que não a realização do trabalho, tenho direito a uma cópia e no fim do trabalho as imagens são destruídas;
- Compreendo que sou livre de desistir da investigação a qualquer momento.

Poderão ser recolhidas imagens ou registos áudio e todos os registos serão usados estritamente para este trabalho e de acordo com a regulamentação europeia de proteção de dados. As gravações serão destruídas logo após a conclusão do estudo e serão usados

exclusivamente em contexto académico. Tenho conhecimento que posso solicitar uma cópia das gravações. Não se antecipam riscos associados à minha participação neste estudo e não há custos envolvidos.

Pelo presente documento consinto em participar neste estudo.

**Assinatura do participante.**

**Assinatura do investigador.....**

Contacto:

**Data:02/01/2018**

## Anexo G – Indicadores de Avaliação

<b>Indicadores de Avaliação</b>	<b>Excertos de Notas de Campo</b>	<b>Na voz da Diretora</b>	<b>Na voz dos Monitores</b>
Verificar se a criança com NEE desiste quando se depara com um obstáculo físico	Ela sem levantar a cabeça responde “não sou capaz”.	<b>Sim</b>	<b>Sim</b>
Verificar se a criança com NEE pede ajuda quando sente dificuldades		<b>Não</b>	<b>Não</b>
Verificar se a criança com NEE aceita ajuda do adulto ou dos pares quando dela necessita	Com o apoio do adulto e empenho da criança com necessidades educativas especiais descer o escorrega pode ser difícil, mas é uma atividade possível de realizar.	<b>Nem Sempre</b>	<b>Sim</b>
Verificar se a criança com NEE procura interagir com os pares	Nunca procurou os pares ou os adultos	<b>Nem Sempre</b>	<b>Nem Sempre</b>
Verificar se a criança com NEE procura interagir com os adultos	“Olha, olha Marisa já podemos mudar de sala?”	<b>Nem Sempre</b>	<b>Nem Sempre</b>

Verificar se a criança com NEE tem, na sala, um adulto de referência e se o procura		<b>Não</b>	<b>Não</b>
Verificar se as crianças com NEE participam nas atividades	Assim que acabei de explicar as diferentes atividades a E. sentou-se na mesinha do café e esperou que alguma criança a fosse servir	<b>Sim</b>	<b>Sim</b>
Verificar se as outras crianças incluem e ajudam as crianças com NEE a participar	[Os pares] estes procuram-na muito e, sem qualquer intervenção do adulto.	<b>Sim</b>	<b>Sim</b>
Verificar durante as atividades se a criança com NEE apresenta interações positivas com o seu grupo de colegas e professores	Ela brinca com os pares.	<b>Nem Sempre</b>	<b>Nem Sempre</b>
Verificar se as crianças com NEE apresentam respostas de prazer e satisfação durante as atividades	Ela sorriu o tempo todo.	<b>Sim</b>	<b>Sim</b>